

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

+

ISAAC BARRETO SILVA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Brasil um imenso hospital: Ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil

Entrevistado - Isaac Barreto Silva (IB)

Entrevistadoras - Simone Kropf (SK), Tamara Rangel (TR) e Dominichi Miranda de Sá (DM)

Data: 16/10/2006 e 18/10/2006

Local – Brasília/DF

Duração – 3h16min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SILVA, Isaac Barreto. *Isaac Barreto Silva. Entrevista de história oral concedida ao projeto Brasil um imenso hospital: Ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil*, 2006. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 90p.

Data: 16/10/2006

Fita 1 – Lado A

SK - Bom, hoje é 16 de outubro de 2006. Estamos aqui, na casa do Dr. Isaac Barreto. Isaac Barreto Ribeiro?

IB - Ribeiro.

SK - Isso. Aqui, em Brasília, na Super Quadra Sul.

IB - SQS é Super Quadra Sul, 216, Bloco B, apto. 303.

SK - Estamos aqui entrevistando, eu Simone, Tamara Rangel... eu vou parar aqui, para fazer um teste.

(corte)

SK - Bom, então, Dr. Isaac... eu estava falando isso para o senhor, a gente começa a entrevista, em geral, assim, um pouco para saber assim, até da sua origem mesmo, onde é que o senhor nasceu; o ano que o senhor nasceu... O senhor é baiano, não é isso?

IB - É, eu sou baiano; nasci numa cidade do interior da Bahia, Barra do Rio Grande; essa cidade fica nas margens do Rio Grande, que é afluente do São Francisco, que hoje estão querendo transpor, né, as águas do São Francisco.

SK - Isso.

IB - E, nessa cidade, nós fizemos nosso curso primário ali. E já quando era para fazer o curso de admissão, passou lá... nós somos ligados aos evangélicos, né, aí passou lá um missionário americano; e a minha mãe era muito assim, ela gostava de ver os filhos instruídos, né? Ela então, quando soube que eles tinham possibilidade de levar a gente para o Colégio Americano Batista, lá, em Recife, ela aproveitou e eles nos levaram para Corrente do Piauí, que é um instituto que existe lá, e foi lá que eu fiz o curso de admissão.

SK - Em Recife?

IB - Não, não. No Piauí, no sul do Piauí. Numa cidade chamada Correntes.

SK - Mas seus pais eram de Barra do... dessa cidade.

IB - Barra do Rio Grande.

SK - Eles faziam o quê, Dr. Isaac?

IB - Eles eram comerciantes; meu pai era comerciante, minha mãe era dona de casa, né? E nós fomos então fazer esse curso de admissão no Corrente do Piauí. E de lá, nós

passamos quase que direto pela Barra e fomos para Recife; para aproveitar a viagem deles, nós então fomos fazer o ginásio em Recife.

SK - Ginásio em Recife. O senhor tinha irmãos?

IB - Tinha um irmão. O meu irmão também cursou Medicina comigo.

SK - Mais novo?

IB - Mais velho. Ele é o meu irmão mais velho, o Arthur; já morreu há... poucos meses.

SK - Então, vocês foram fazer os estudos...

IB - Fomos fazer os estudos juntos lá, em Recife.

SK - O senhor é de que ano, Dr. Isaac?

IB - 1924.

SK - E os seus avós também eram dessa região; sua família já era dessa região?

IB - Não era tudo assim dali da Barra, mas de locais ali próximos.

SK - Trabalhando no comércio...

IB - E o meu pai trabalhava no comércio. E sustentou esses dois filhos na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

SK - Ele queria que vocês fizessem Medicina? Ele tinha...

IB - A gente é que escolheu, né?

SK - É?

IB - Minha mãe queria, mas nós gostamos da Medicina, e eu fiz o ginásio inteiro em Recife, e quando foi para fazer o curso chamado curso pré-médico, quer dizer, antes do... naquele tempo não tinha esses cursos, mas tinha o curso pré-medico dentro da Faculdade de Medicina. A gente cursava dois anos...

SK - Um preparatório, né?

IB - Um preparatório para o concurso. Aí, nós dois fizemos concurso para Faculdade de Medicina, e fomos aprovados para fazer o curso de Medicina, que, naquela época, até hoje, dura seis anos; são seis anos de Medicina.

SK - Mas aí o senhor fez na Bahia?

IB - Não. Em Recife. Não, não.

TR - Em Belo Horizonte.

IB - Em Belo Horizonte.

SK - Em Belo Horizonte. É verdade.

IB - Em Belo Horizonte é que nós fizemos então o curso médico. E logo que eu me formei, eu já estava com essa idéia de vir para o interior, né, eu então recebi um convite de um hospital em Rio Verde; Rio Verde é perto... foi lá em Rio... nesse comício, nessa cidade, Rio Verde, que o Juscelino prometeu mudar a capital, né? E eu, com aquela idéia de mudança, fiquei esperando o dia que eles resolvessem; e no dia que eu soube que a capital já tinha um núcleo, que chamava Núcleo Bandeirante – não sei se vocês ainda vão passar por lá.

SK - A gente não conhece.

IB - Esse era um núcleo pioneiro; lá não tinha nada, absolutamente nada. O Edson Porto trabalhava num galpão de madeira – tudo era de madeira –, e era chamada Novacap; Novacap era a companhia responsável pela mudança da capital. Tinha muito pouca coisa, viu? Então, entre o... o Catetinho já estava sendo feito, de madeira. Foi a primeira residência do Juscelino, foi nesse Catetinho, que hoje fica ali perto do Gama.

SK - Ah, a gente pode depois passar, para ver.

IB - É muito bom.

SK - Mas eu queria voltar um pouquinho para seu curso médico.

IB - Volta, porque a hora que você quiser...

SK - Não, a gente vai e volta, a gente vai e volta; não tem problema. O senhor quis fazer Medicina por quê? O senhor lembra?

IB - Eu sempre tive..., mas é isso que se chama vocação.

SK - Vocação mesmo, desde pequeno.

IB - É uma coisa que eu não sei explicar. Diz minha mãe que eu fazia o seguinte: eu gostava muito de... tratava boneco, como se fosse doente.

SK - Sei, já tinha aquilo desde criança.

IB - Já tinha aquela idéia. E que a minha mãe era muito doente, e também me influenciou demais. Eu sempre pensava em já... “Bom, eu tenho que fazer uma coisa que seja útil para ela”. Ela tinha para... não; tenho impressão que ela teve paralisia infantil, quando era criança; então, ela realmente tinha umas dificuldades de locomoção, e aquilo foi por conta da poliomielite, que a gente chama, né?

SK - E nessa cidade, onde vocês moravam, como é que era a relação com os médicos? O senhor tinha...

IB - Médicos do interior, sempre teve, né? E tinha médico que foi criado ali, e ali mesmo ele... foi estudar Medicina, depois voltou para terra, né? E eram esses os conhecimentos que a gente tinha de Medicina, através desses...

SK - Desses médicos locais.

IB - ...desses médicos locais. E o mais, fui tomando gosto pela Medicina, e já estava... mesmo durante o ginásio, eu já tinha idéia. Tanto que, quando o meu irmão, que era o mais velho, era ele que... ele é que escolhia, e eu acompanhava, né?

SK - Como é que era o nome do seu irmão?

IB - Arthur Ribeiro.

SK - Ah, o senhor falou. E por que... vocês não pensaram em ir para Salvador, fazer Medicina lá?

IB - Não. Interessante. A oportunidade que surgiu foi Recife, por causa do ginásio, e de lá, em Recife, nós tomamos informações sobre essa faculdade de Medicina...

SK - De Belo Horizonte.

IB - ...de Belo Horizonte. Então...

SK - Qual foi o ano que o senhor entrou na faculdade? O senhor lembra?

IB - Mil, novecentos e... deixa eu ver... mil novecentos... 48, eu devo ter me formado; recua aí uns oito anos, né? Provavelmente, em torno de 1940.

SK - Mil, novecentos e quarenta, o senhor ingressou na faculdade, né?

IB - Não foi propriamente na faculdade; foi no curso...

SK - Ah, no curso preparatório. Isso.

IB - Chamado Curso Preparatório para Medicina. Então, 40 com mais oito anos – dois de pré e mais seis de Medicina –; me formei em 1948.

SK - Ah, o senhor se formou em 48.

IB - Dezembro de 1948, eu devo ter terminado meu curso de Medicina.

SK - E o que é que o senhor lembra desse curso, de professores, cadeiras, que mais interessaram ao senhor?

IB - Eu gostava muito era de Anatomia; era um apaixonado.

SK - É, a gente viu ali, tem vários aqui...

IB - Só não trouxe um esqueleto aqui, para dentro de casa, para não... porque não ficava bem.

SK - É, tem um desenho aqui.

IB - É, não ficava bem. E eu estou estudando os músculos, porque eu estou voltando a lecionar Anatomia.

SK - Ah, que interessante.

IB - 83 anos, e eu estou me preparando para um curso de Anatomia, que vai ser dado para professores de Educação Física. Por isso que eu tenho que recordar as coisas, né?

SK - Claro.

IB - E estou me preparando para fazer esse curso. Inclusive, o primeiro volume de Anatomia está pronto.

SK - Que beleza.

IB - Eu peguei uma tradução com uma parte em francês traduzido para o espanhol. São dois livros; um, maior, chamava (*inaudível*) (c-92), e essa edição está esgotada, não existe mais; se o aluno quiser adquirir esse livro, não vai conseguir. Então, eu estou fazendo... já fiz a parte de francês para o espanhol.

SK - Que beleza.

IB - E tem um outro, do mesmo autor, só que é mais uma espécie de um resumo da Anatomia Grande. A Anatomia Grande são quatro volumes, dessa grossura. E esse livro é de Anatomia já de todo o corpo humano, de tudo, mais reduzido. Então, no momento, a minha preocupação é traduzir do espanhol para o português.

SK - Já na faculdade, o senhor gostava de Anatomia.

IB - Ah, eu era apaixonado.

SK - Quem era o professor? O senhor lembra?

IB - Chamava Neves, Dr. Neves; ele já faleceu há muitos anos. E esse Neves era muito carrasco, era desses que reprovava muito, e a fama dele era terrível. Então, eu juntei o medo, o medo de ser reprovado, com o gosto pela Anatomia, né? Então, eu tinha verdadeira adoração pela Anatomia. Cheguei a ser monitor da cadeira. Os monitores eram aqueles alunos que se destacavam durante o curso, e que mostravam desejo, e eu aproveitei essa vaga, que para mim era ótimo, porque ao mesmo tempo você está ganhando alguma coisa, o mais importante é que você não perdia o contato com a Anatomia. Então, durante todo o curso, além das aulas normais e do curso de Anatomia,

eu também ajudava os outros colegas, que estavam mais novos, a gente desdobrava a matéria que o professor dava. O professor dava a matéria, e a gente aproveitava, e, no cadáver, mostrava pros alunos, porque Anatomia tem que ser estudada é no cadáver.

SK - E a parte de Anatomia Patológica, quem é que dava?

IB - Aí, já era outro departamento.

SK - Era outra cadeira.

IB - É. Foi esse professor de Patologia, que se chamava Luigi Bogliolo, era italiano, né, Bogliolo, e esse professor queria que eu ficasse lá; ele queria que eu ficasse na cadeira dele; como eu gostava muito de Anatomia, as autópsias que ele fazia, já como professor de Anatomia Patológica, cursando já o curso de Anatomia Patológica, eu não perdia uma autópsia, e eu não freqüentava só a minha. Eu... sabe, que eram várias turmas, as turmas divididas em várias... para poder ficar menor a quantidade de alunos, né, então, não precisava muito grande; para você mostrar um cadáver, tinha que ser pouca gente.

SK - Claro.

IB - Mas eu não perdia uma aula. E ele então, como eu ficava ali perto dele, os alunos então faziam o seguinte, me pegavam, quando ele perguntava qualquer coisa: “Que músculo é esse aqui? O que é que é isso aqui?”, eles me empurravam.

SK - Olha só. O senhor já era...

IB - Não, já era... Então, eles, para não ficar feio para eles, eles me jogavam lá, na frente, e eu tinha que responder. E o professor percebia que era o mesmo aluno – ele não era bobo, né? –; ele estava percebendo que era o mesmo aluno que estava interessado. E mandou um convite para mim, através de um colega meu, que já freqüentava Anatomia Patológica. E eu digo: “Olha, professor, eu não tenho essa idéia de ficar numa cidade; eu estou com a idéia de ir para o interior do Brasil, quero servir ao meu país. Aqui, na cidade, tem muitos médicos, e...”. Ele disse: “É, você não vai estudar mais nada, né?” Eu disse: “Vou. Eu não vou parar de estudar, não”, e fiz essa promessa para ele, e cumpri, continuei estudando. E...

SK - Por que é que o senhor... completa, desculpe.

IB - Pode falar. De formas, que eu continuei estudando a Medicina, tanto que o Jofre... e como eu vi, o Jofre também era um estudioso da Medicina, sempre a gente estava se encontrando nos congressos; sempre, quando tinha um congresso, que o Jofre ia, nós estávamos juntos; sempre estava... Então, eu nunca parei de estudar.

SK - Mas por que é que o senhor queria ir para o interior? O que é que motivava?

IB - Era aquela coisa dentro de mim, que eu precisava servir ao meu país. E outra coisa, eu queria estar perto do local onde ia ser a mudança. Como eu sabia que ia ser no Planalto Central, eu vim exatamente para Goiás, porque eu queria estar perto.

SK - O senhor ouvia essa história da mudança, desde quando? Já desde criança, o senhor ouvia isso?

IB - Não. Desde os tempos de Medicina que eu começava a ouvir. E isso já estava mesmo... tinha esse... esse Cruis, essa missão...

SK - Cruis.

IB - Essa missão já tinha vindo ao interior do Brasil.

SK - É, já.

IB - Eu procurava ler. O Sítio Castanho já tinha sido para praticamente... era o sítio escolhido, né? Eu já sabia de tudo isso.

SK - Mas não foi numa época que também se pensou em levar a capital para o Triângulo Mineiro?

IB - Teve, teve.

SK - Que época foi isso?

IB - Essa, eu não peguei. Eram os inconfidentes mineiros.

SK - Não, mas depois. Eu acho que depois, no século XX, teve uma discussão também dos mineiros reivindicando...

IB - Era... eles queriam que fosse em Ouro Preto, por ali, né, naquele... Era a cidade que os mineiros queriam, era... E Tiradentes, também fez parte do plano dele.

SK - É.

IB - Mesmo entre a... na devassa que os portugueses fizeram na Inconfidência, eles tinham já a bandeira, né?

SK - Isso.

IB - Já tinham o local escolhido. Tudo, tudo... até isso, eu comecei a tomar conhecimento.

SK - E, na faculdade, o que é que as pessoas achavam? O que os estudantes achavam?

IB - Achavam que era loucura; “É loucura isso. Você está doido”.

SK - Não eram... não eram... não tinha muita gente partidária da mudança?

IB - De jeito nenhum. Ainda mais o mineiro não queria mudança para cá; eles queriam... se houvesse mudança...

SK - Pois é, isso que eu estou dizendo. Tinha gente, na época, que queria levar lá, para essa região do Triângulo Mineiro.

IB - É, para Minas. Se houvesse mudança, eles nem queriam saber de Planalto Central, né? Mas a minha idéia fixa era no Planalto Central; não sabia aonde, nem tinha a mínima idéia onde é que ia ser esse... sabia que era por aqui, mas ainda não tinha assim, uma idéia fixa sobre o... como é que... onde seria localizava. Aí, quando começaram a divulgar, então eu comecei a tomar conhecimento desse... chamava-se Castanho. Eram (*inaudível*) (c-170), entre seis ou sete sítios, que podia ser capital. Eles escolheram o melhor, que era o mais plano; você vê que aqui não tem subida, não tem aquele negócio de desce morro, sobe morro, não tem nada disso. Quer dizer, é o local ideal para ...

SK - Isso é interessante, o que o senhor está dizendo, porque foi essa... como o senhor mesmo disse, essa idéia da mudança da capital, ela é muito antiga.

IB - É bem antiga.

SK - E eu estava vendo que, por exemplo, ela ficou, desde a Constituição de 91, ficou um pouco, ninguém falava muito nisso.

IB - É, ficou esquecido completamente.

SK - E quem retomou essa discussão foi o Dutra, não à toa. Quer dizer, é interessante porque o senhor está me dizendo: o senhor se formou em 48, né? Esse foi o momento em que o Dutra retomou isso, essa discussão, e o Vargas, em 53, vai criar uma comissão para pensar nisso.

Isaac Ribeiro: Ele chegou a criar a comissão, é.

SK - Então, nessa época, de sua faculdade aqui, esse era um assunto que devia estar um pouco aparecendo, né?

IB - Já se falava mesmo.

SK - Se falava, né?

IB - Se falava. Eu me lembro que...

SK - Mas os seus colegas não queriam saber disso?

IB - Ninguém queria... em Minas, ninguém queria saber dessa idéia.

SK - Mas os seus colegas, na faculdade, eram na maioria de Minas, ou tinha gente de outros lugares?

IB - A maioria, né? Olha, de fora mesmo, eu me lembro que era eu e o meu irmão, que eu me lembro.

SK - A maioria era de lá mesmo?

IB - Olha, a grande maioria. Porque a faculdade era lá de Minas; então...

SK - É, é uma ótima faculdade.

IB - Então, a maior tendência era o aluno ali, nasceu ali em Belo Horizonte, ou no Estado. Era muito pouco; eu não me lembro de mais ninguém; era eu e o meu irmão; não sei se tinha mais algum ali; eram só nós dois mesmo. Pelo menos, no meu pensamento, eram os únicos que estavam... que não eram da cidade lá, não era de Belo Horizonte.

SK - Porque o senhor era do interior, né?

IB - É.

SK - O senhor se via assim, como alguém do interior?

IB - Não, não me via. Eu me adaptava; a gente vai mudando assim.

SK - Porque essa cidadezinha que o senhor nasceu era uma cidade pequena.

IB - Muito pequena; era uma cidade pequena. Ali, por exemplo, tem Juazeiro, que é uma cidade maior; do outro lado do Rio São Francisco tem Petrolina, que é Pernambuco; atravessou o rio, já tem Juazeiro. Descendo o rio ali, tem Juazeiro, Carinhanha; Chique-Chique, Januária, já em Minas, né, até Pirapora; é a parte navegável do rio, que eu conhecia; esse trecho de Juazeiro até Pirapora, eu conhecia, porque era dali, né? E quando eu estudava em Recife, eu vinha passar minhas férias, eu vinha para Petrolina, que fica do outro lado, né? Atravessava o rio; em Juazeiro pegava o vapor, que chamava Vapor do Rio, que eles acham que aquele rio foi um atraso para aquilo ali porque não tinha estrada; se já tinha o navegável, ninguém cuidava de fazer estrada.

SK - Era tudo pelo rio.

IB - Era tudo pelo rio. Então, eu achei, na minha idéia, que o Rio São Francisco foi um atraso para a região. Então, tem um padre lá que é contra a essa...

SK - À transposição.

IB - É, mas ele sabe que aquilo foi um atraso. Mas é o tal negócio, ele encasquetou que não devia fazer, e queria exigir do... eu acho que é do Lula, pelo menos isso, foi a idéia maior desse negócio, veio com ele, né? Eu acho que deve ter sido o Ciro Gomes que influenciou muito, né? E eles são lá do Norte, então sabiam que aquele rio, a transposição ia resolver um problema enorme ali.

SK - Agora, o senhor, em Belo Horizonte... Belo Horizonte tinha aquela mística de uma cidade moderna, né, o senhor era assim... lembra assim, na época, se os seus companheiros, seus colegas de faculdade viam o senhor como alguém do interior, alguém... Tinha alguma coisa assim, não?

IB - No começo, você sabe, tem uma ojeriza pelo estrangeiro.

SK - É, por isso que eu estou perguntando. Principalmente nos jovens, né?

IB - É.

SK - Os jovens são muito de grupos assim, né?

IB - É, aquele negócio de grupo e tudo, e eu não pertencia a nenhum dos grupos, etc. Então, mas eu notei que acaba, né, porque tudo depende muito de você. Se você se isola, se você aceita – como se diz?... – aquela idiossincrasia natural, se você aceita, você fica perdido.

SK - Lógico.

IB - Eu não aceitei; simplesmente, eu reagi. Eu achei que eles tinham razão, eles que eram os [?] (c-230), eu era um estrangeiro no ninho ali. Mas aos pouquinhos, fui fazendo amizade, e fiz muitas amizades, e, no fim, terminei fazendo o meu grupo também.

SK - Qual era o seu grupo?

IB - Era o grupo de um colega que foi presidente da associação lá, duas vezes; a especialidade dele ia ser dermatologia; e esse grupo era chamado... era o grupo do... era pelos professores, os grupos se dividiam sempre na hora de escolher o paraninfo. Tinha Baeta Vianna, que era um homem muito importante esse Baeta Vianna. Então, a gente rotulava os caras de baetófilos; então, esses apaixonados... era um homem de valor mesmo...

SK - Claro.

IB - Um homem de valor extraordinário, esse Baeta Vianna. E ele fez o seguinte: ele fundou um centro universitário lá, para que os alunos tivessem assistência médica desde cedo. Agora, a gente assumiu um compromisso: quem usasse... era de graça, né? Quem usasse... então, vários médicos estavam inscritos para ajudar os estudantes; geralmente, o estudante não tem muito recurso, então eles não podiam pagar médico; então, a gente tinha de graça. Agora, a gente assumia um compromisso, que quando a gente se formasse, passasse pelo menos dois anos no interior; era uma espécie... era um compromisso mais assim, como se diz, tácito.

SK - Sei.

IB - Não era expresso, a gente não assinava um compromisso. A gente assumiu o compromisso de fazer isso.

SK - Isso era uma idéia do Baeta Vianna?

IB - Era a idéia do Baeta Vianna, que ele queria exatamente fazer com que o interior de Minas fosse... os alunos fossem para lá, né? Eu não tinha obrigação de ficar; era um compromisso mais formal. Então, eu digo: “Bom, em vez de ficar esses meus dois anos em Minas, eu quero ficar é no Planalto Central”. Então, era a cidade de Goiânia e

Anápolis, que eram as cidades mais próximas desse... mais desenvolvidas. Eu fui para perto de Anápolis, uma cidade lá no interior; foi de lá que eu...

SK - Que o senhor veio para cá.

IB - Chamava Ceres, chamava Colônia Agrícola Nacional de Goiás.

SK - Você ia perguntar alguma coisa?

TR - Não, que essa idéia é interessante, de ficar dois anos prestando serviço no interior, que foi até uma idéia na faculdade de Medicina de Goiânia, foi aproveitado isso.

IB - Também aproveitaram essa idéia.

TR - Essa é uma discussão até nessa revista Goiânia de Medicina.

IB - Isso é bom porque o aluno fica... normalmente, a tendência do aluno é ficar na capital, ele não quer sair dali; e é uma dificuldade para fazer uma clínica na cidade, todo mundo já tem seu médico, tudo aqueles médicos medalhões, já estão todos com clínica...

TR - Consultórios.

IB - ...com consultório e tudo, né?

SK - Mas os seus colegas, eles aceitaram essa idéia? Tinha muita gente que quis, ou a maioria quis de fato permanecer na capital?

IB - A maioria ficou lá, na capital.

SK - Eram pessoas de recursos, Dr. Isaac?

IB - Geralmente, eram filhos de gente rica, né, porque...

SK - Isso que eu ia perguntar.

IB - ...é muito caro o curso de Medicina, e a faculdade não era federalizada, era uma cidade... então, você tinha que pagar.

SK - Se pagava a faculdade?

IB - Pagava. Era caro. Depois que federalizou, aí que ficou em conta, né?

SK - E o senhor se mantinha como? O senhor chegou... precisava trabalhar? Seus pais sus...

IB - Não, esse emprego que eu arranjei, de monitor, não dava para nada, mas era uma maneira de você ter algum recurso, né? Era meu pai que sustentava, ele era comerciante.

SK - Seu pai tinha recurso.

IB - Ele tinha recurso; para sustentar dois filhos.

TR - Dois filhos na faculdade de Medicina.

SK - É isso que eu ia perguntar. Porque era difícil, né?

IB - E a gente não trabalhava. Então, numa cidade assim...

SK - A compara de livros, né?

IB - É. Então, ele que financiava tudo, né? Então, praticamente, nós não precisamos trabalhar para fazer o curso.

SK - E o senhor morava com seu irmão?

IB - Morava com ele. Geralmente, ficava numa pensão, né? Tinha muita pensão assim, próximo da faculdade, que as pessoas ajudavam os estudantes de Medicina a ficar mais perto, né? Então, aquelas pensões ali, por perto, eram sempre cheias, né? Quando chegava a época do começo das aulas, enchia aquelas...

SK - Devia ser animado, né, Dr. Isaac?

IB - Era muito animado. Eu gostava muito dos colegas, gostava muito da faculdade.

SK - Esse período também deve ter sido um período interessante porque foi logo no pós-guerra, né, quarenta... o senhor pegou isso, a democratização inclusive, do Brasil.

IB - É, eu peguei. É, nós lutamos muito. A Faculdade de Medicina era mais politizada do que a Faculdade de Direito. Os protestos, essas coisas contra a ditadura da época...

SK - Do Estado Novo.

IB - ... era tudo... partia da Medicina. É engraçado, né?

SK - O senhor participava?

IB - Eu participava junto com os colegas. Eu não pertencia a nenhuma célula. Tinha uma célula comunista lá dentro; de vez em quando, não sei se era DOPS que se chamava, batia lá, prendia esses colegas que eram tudo do movimento comunista; eles iam tudo em cana, né, e...

SK - É, porque eu imagino, Estado Novo, né? DOPS era depois, mas o Estado Novo tinha lá o...

IB - Era um perigo. Mas de vez em quando a turma ia para comício na rua, e a polícia entrava lá, e eles jogavam as bolinhas de gude assim, nas patas dos cavalos e tudo. E eu participava daquilo junto, aquilo tudo.

SK - Quer dizer, o senhor não tinha um envolvimento formal, mas o senhor era entusiasta dessas idéias?

IB - Mas era porque, você sabe, era jovem, né? O jovem é diferente de tudo, né? Ele não tem compromisso com ditadura, ele não tem... a mente dele... geralmente, o jovem é aberto, né? Ele quer um regime democrático; ele não concordava; os professores também entusiasmavam a gente, né? Eles também lutavam junto com a gente.

SK - O Baeta Vianna tinha alguma posição política?

IB - Não, não tinha, não era político, mas era um homem muito importante, assim, muito prestigiado pelo próprio governo; ele era um homem... E o outro era Nilton Rocha; Nilton Rocha era um oftalmologista. Então, a política, ela ficava dividida, os colegas. Quando não era o Nilton Rocha, era o Baeta Vianna.

SK - Mas tinha algum professor comunista, assim, filiado ao partido?

IB - Tinha, tinha um professor de farmacologia, que ele... a mulher dele era comunista fichada mesmo, e ele, naturalmente, defendia as mesmas idéias dela, né, não tanto, mas acompanhava, né, mais à proteção da família dele, né? Mas eram poucos, não eram muitos, não. Mineiro é muito conservador, né?

SK - Esse, o senhor lembra... depois a gente lembra esse que o senhor falou que era comunista; a gente vê os nomes depois.

IB - Ele não chegou... ele não era mesmo comunista, mas ele era um cara... Era... como é que se diz?... não era militante, mas era simpatizante.

SK - Simpatizante.

IB - Era simpatizante.

SK - Quem era da cadeira de Parasitologia? O senhor lembra?

IB - Parasitologia, era Amilcar Martins. Grande professor; ele chegou a ser secretário de Saúde lá em Minas.

SK - Uma pessoa importantíssima, inclusive no estudo de Chagas, né?

IB - Ah, ele é muito; foi ele que me ensinou Doença de Chagas, né? Tudo que eu aprendi...

SK - O senhor teve aula com ele, com Amilcar Martins?

IB - Tive aula com ele.

SK - Ele era comunista.

IB - Também; ele era... ele era...

SK - Ele era; se eu não me engano, ele era, ele chegou a ser... eu não me lembro; eu tenho que ver isso; eu tenho até ...

IB - Ele era socialista, né? Tanto que...

SK - Eu não sei se ele chegou a ser propriamente.

IB - Tanto que se ele não era filiado ao partido, ele pertencia a grupos esquerdistas, porque ele chegou a ser secretário também de Saúde lá de Minas Gerais. Quando algum desses governos de esquerda pode ter assumido, e ele foi convidado para ser, né?

SK - Como é que eram as aulas dele, Dr. Isaac?

IB - Muito boas; era um professor..., mas ele era de uma didática; até hoje eu tenho provas minhas, que eu fiz, que um colega trouxe; quando a faculdade federalizou, eles entregaram os trabalhos que a gente fazia, as provas, entregaram para o representante de turma, e eles me mandaram isso para mim; eu guardo isso aí com muito carinho.

SK - Quais eram as do... ele tinha uma coisa assim, com as doenças, das endemias brasileiras?

IB - Ele estudava todas as endemias, era ele que falava sobre malária, sobre febre amarela, sobre... Por exemplo, nós não tínhamos caso de febre amarela; quando aparecia um caso, era tão raro, que o aluno não podia se formar sem ver um caso de febre amarela; em qualquer lugar que ele tivesse, quando havia um caso de febre amarela, ele era escalado; então, a gente já sabia: “Olha, está havendo um caso de febre amarela na enfermaria tal, assim, assim, assim”; os alunos do sexto ano tinham obrigação de ir lá, ver o caso. Varíola, não existia varíola mais; a campanha era muito grande, então, varíola era uma raridade. Febre tifóide era uma raridade. Então, essas doenças mais raras, quando tinha um caso, a gente era obrigado a ir ver o doente.

SK - E Chagas?

IB - Chagas era demais. Nossa! A Doença de Chagas...

SK - Vocês viam isso muito, na faculdade?

IB - Mas era muito; ainda não estava tão bem estudado, né, porque o Chagas, ele achou que até o Bócio era produzido por Doença de Chagas, né? Era porque a falta de iodo, nos locais, coincidiam com as zonas de Doença de Chagas; ele relacionou o Bócio à Doença de Chagas.

SK - Mas nessa época ainda... Como é que era? Ainda se acreditava nisso?

IB - Ah, se acreditava, porque foi depois que separaram, né? É que conseguiram separar. Ele... Por exemplo, o megaesôfago, ninguém aceitava o megaesôfago, o megaesôfago fosse causado por Doença de Chagas. Tinha um médico paulista – não sei se era Lídio Correa Neto –, que ele defendia a avitaminose B1 como causa do megaesôfago. E não se admitia que... o Jofre foi um dos pioneiros nesse...

SK - É, ele que defendeu essa tese.

IB - Ele defendeu essa tese, juntou-se com aquele patologista lá de Ribeirão Preto.

SK - Köberly.

IB - Köberly. É. E eles trabalharam muito nessa defesa, que o megaesôfago, o megacólon eram Doença de Chagas. O Jofre teve uma influência muito grande; foi ele que divulgou.

SK - É verdade.

IB - Ele divulgou todos os trabalhos, trabalhos sobre megaesôfago, megacólon, gastropatia chagástica; tudo foi estudo dessa revista goiana de Medicina, né? Eu tinha todos os números dessa revista.

SK - Agora, nessa época da faculdade, na enfermaria da faculdade, vocês já viam casos de chagásicos, atendiam muito?

IB - Não era assim tão divulgado, não, sabe? Eu me lembro que eu fui estudar isso, por nossa conta mesmo, depois de...

SK - Depois de formado.

IB - ...de formado. É que eu me interessei porque... A oportunidade que a gente teve foi grande. Ter uma revista, para publicar trabalho. Meu primeiro trabalho de Doença de Chagas, eu mandei pro Jofre. Era um caso de Sinal de Romana...

Fita 1 - Lado B

IB - ...foi desse caso da fase aguda, né, aquela que está escrita fase aguda da Doença de Chagas, esse sinal de Romana. Eu publiquei um trabalho sobre forma aguda da Doença de Chagas; aí, foi mais extenso o meu trabalho; tive muita cooperação do Rassi, porque ele tinha um... um irmão desse Rassi, que dirigiu, que era diretor do serviço médico aqui, em Brasília, Anis Rassi, também publicou muitos trabalhos sobre Doença de Chagas, principalmente na área que ele era especialista, de coração, né?

SK - Isso.

IB - Então, ele publicou vários trabalhos.

SK - Entrevistei o Dr. Anis Rassi também lá. É uma figura também, ótima.

IB - É. Tem muitos trabalhos. É muito bom. E um dos trabalhos dele foi exatamente junto comigo. Quando ele fez...

SK - Ah, eu não sabia.

IB - Era. Eu mandei, ele me pedia para mandar. E eu até os doentes eu levava. Se eu levasse um paciente na forma aguda, ele internava de graça no hospital.

SK - Lá, no hospital?

IB - É. Então, eu mesmo levava o doente. Eu gostava tanto de acompanhar o doente, que eu mesmo levava, entregava o doente para ele, e ele então dava comida, alimentação, internava.

SK - Ele faz isso até hoje, Dr. Isaac.

IB - Até hoje ele faz isso, né?

SK - Faz isso até hoje.

IB - Estudando, ele é muito estudioso. Então, foi outro também que cooperou muito comigo. A gente [tinha idéia que era uma miocárdique] gástrica, que ele mudou o nome, disse que o nome não é miocardique, é pancardique, porque ataca na sua miocárdia, ataca o [fesdaiche]. Então, ele teve também um trabalho muito importante nessa, no estudo da doença. Aliás, aquela turma de Goiás toda influenciou o grupo. Muito bom....

SK - Pois é, muito bom, né? Quando o senhor se formou, o senhor foi aí... quer dizer, o senhor já tinha vontade... O senhor ainda não queria trabalhar com Chagas, não era o interesse ainda?

IB - Não, não. Eu fui... e como ninguém sabia da existência da Doença de Chagas, na cidade onde eu morava, eu fui o primeiro a diagnosticar.

SK - Lá, em Ceres.

IB - Lá, em Ceres.

SK - Mas quando o senhor foi para Ceres... quer dizer, o senhor se formou e foi direto para Ceres?

IB - Não, eu ainda passei por Rio Verde. Em Rio Verde, eu trabalhei num hospital lá, em Rio Verde, mas era um hospital evangélico, e fiquei lá, mais ou menos, quase que uns... só uns seis meses, mais ou menos.

SK - Fazendo o quê lá?

IB - Fazia tudo. Era um hospital, então eu tinha a oportunidade de fazer tudo que aparecia.

SK - Mas o senhor tinha uma especialidade, que se interessasse mais?

IB - Eu gostava mesmo era de cirurgia.

SK - Cirurgia.

IB - É, gostava muito de cirurgia, mas em cidade do interior você não pode ser só cirurgião, né?

SK - Ah, é.

IB - Como Brasília; no começo de Brasília, eu não podia fazer cirurgia só, não tinha nem hospital para fazer; eu que tive que montar; o primeiro ambulatório de cirurgia daqui foi meu; eu tive que montar lá na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, eu tive que montar um ambulatório, que até internamento eu tinha lá; raio-X, laboratório, eu trouxe tudo isso para cá.

SK - É, porque exige muita coisa, né?

IB - Você não podia escolher; o doente chegava... Até hoje, me lembro, chegava caso de oftalmologia, felizmente, tinha um estudante chamado Claudio Costa – depois, ele se formou em Medicina, e foi fazer oftalmologia –, que me ajudava; os casos de oftalmologia, eu já encaminhava para ele. Mas me ajudou muito aqui o Claudio Costa.

SK - Tinha uma cadeira de cirurgia, na faculdade? Como é que era, era uma cadeira específica cirurgia, na Faculdade de Medicina? O senhor lembra quem era o professor?

IB - Tinha. Era o... Tinha o Borges da Costa, que ele trabalhou na Grande Guerra, né, ele estava até voltando de lá; nos trouxe tanta coisa importante de cirurgia de guerra, né? Tinha o Rivadávia, Rivadávia Gusmão. Esse Rivadávia era professor de cirurgia também.

SK - O senhor lembra... o senhor falou agora da Guerra; porque a guerra mudou muita coisa para Medicina, né, Dr. Isaac?

IB - Ah, mudou muito.

SK - O senhor lembra assim, de ter, durante o curso médico, de ter essa idéia de que... dos novos... dos antibióticos, dos novos recursos? Era uma coisa que chegava?

IB - Sempre chegava, porque tudo era novidade, né? Por exemplo, a primeira penicilina que saiu, eu fui tomar conhecimento já como estudante de Medicina, né, foi, mais ou menos, na mesma época que houve um desenvolvimento assim, muito grande dos antibióticos. Que a penicilina foi a primeira, quer dizer, que a gente chamava de [penicillium notável], né? Foi a primeira coisa [que eu aprendi] de antibiótico foi a penicilina; depois, veio a tetraciclina, eu já peguei no fim do curso, Terramicina que era o nome do laboratório. Estreptomomicina. Foram chegando, mas assim, foi uma correria, de antibióticos chegando.

SK - Os professores estavam atualizados?

IB - Estavam. A turma era muito boa; os professores de farmacologia e de terapia eram muito bons. A gente tinha a elite, né? A Faculdade de Medicina era a elite de Belo Horizonte; então, os melhores estavam ali.

SK - Quem é que o senhor queria que fosse o seu paraninfo? O senhor falou dos grupos...

IB - Eu queria o Hilton Rocha; então, eu tive que romper a maioria. Eu fiquei com o Hilton Rocha.

SK - O Amilcar era querido na faculdade?

IB - Muito. Sempre o Amilcar era homenageado, né? Era difícil uma turma que dispensasse o Amilcar.

SK - Otávio Magalhães estava lá, nessa época?

IB - Estava o Magalhães. Tinha o Magalhãezinho, né?

SK - Era o quê? Fisiologia?

IB - Era Fisiologia. Era muito bom professor, a gente gostava muito dele. Ele era bom. Ele agora é o rival do Baeta Vianna.

SK - Ah, é? Por quê? Rival em que sentido?

IB - Briga de professores. Era um verdadeiro rival. Então, o Magalhães, que tinha muita ética, muita compostura, ele dizia assim: “Dois professores dessa casa foram visitar os Estados Unidos”, ele e o Baeta, né? Aí, ele disse: “Um deles deixou a alma lá”.

SK - Ah! Então, tinha uma...

IB - Tinha uma rixa aí.

SK - Tinha uma questão política...

IB - Tinha uma questão entre eles lá, que a gente descobria logo; o Baeta era baetófilo; o aluno chamava baetófilo.

SK - Baetófilo.

IB - De tão apaixonado que os alunos eram pelo Baeta, que quem trabalhava com ele já era chamado de baetófilo. O Baeta tinha que ser... Baeta para paraninfo... tudo tinha que ser com o Baeta Vianna. E a turma do Hilton Rocha. E eu me filiei à turma do Hilton, que era uma pessoa mais simpática assim; o Hilton Rocha era um cavalheiro, era um gentleman, né?

SK - Eles faziam pesquisa?

IB - Faziam.

SK - Na faculdade?

IB - Faziam muito estudo. Eram muito estudiosos esses professores. Magalhãesinho tinha muitas pesquisas na área de Fisiologia.

SK - É, ele tinha até a coisa do laboratório.

IB - Tinha, ele tinha um laboratório de pesquisa lá dentro; ele fazia... Eu me lembro até da cobaia, que ele... o choque anafilático, ele mostrando para gente; injetava um veneno na... e injetava o antídoto, e depois então fazia o soro, para combater o antídoto. Mas então ele mostrava morta a cobaia, se ela tomasse o mesmo remédio que tinha provocado a formação dos anticorpos. Então, ele descrevia a morte da cobaia com uma precisão [incrível], assim que ela morria. Então, a gente assistia.

SK - Acompanhava tudo?

IB - Ah, a gente tinha que assistir aquilo, acompanhava; e ele ia descrevendo os sintomas todos: porque a cobaia morre, morria; porque deu choque anafilático. Era uma maneira muito prática da gente aprender.

SK - É didática a demonstração, né? Do raciocínio, né?

IB - Qualquer um fica com isso na cabeça. É, o raciocínio; ele explicando tudo direitinho. E o Baeta Vianna era outro pesquisador.

SK - Pois é, porque essa coisa da pesquisa era...

IB - Olha, ele descobriu a borracha sintética, já pensou como esse homem não ficou rico!

SK - É mesmo? Nunca ouvi falar isso. Que coisa interessante.

IB - Borracha sintética. Pois é, ele descobriu na época da guerra, e faltando... faltando aquela segunda... como é que chama aquela...?... a borracha era tirada daquela...

SK - Seringueira.

IB - Seringais. Mas aquilo, a quantidade era muito grande...

SK - É, não dava conta.

IB - ...e não dava conta dos pedidos. Naquela época, em plena guerra, ele descobre a borracha sintética.

SK - Mas como é que ele descobriu?

IB - Esse homem é um estudioso.

SK - Mas ele o quê, patenteou isso?

IB - Patenteou; ele ficou muito rico.

SK - Ganhou dinheiro com isso.

IB - Ixe! Dinheiro que não faltava com ele. Era um homem desprendido mesmo, mas muito estudioso, muito trabalhador, viu?

SK - E como é que... vocês tinham conhecimento do pessoal de Manguinhos, nessa época? Como é que era?

IB - Já se ouvia falar muito em Manguinhos, porque Manguinhos era uma referência nacional, né? A gente não tinha assim, um contato muito direto, porque era feito mais através do governo. Manguinhos sempre foi associado com [programa] de governo, né?

SK - Como assim?

IB - Assim, por exemplo, parece que... a gente, falar, você sabe, é um conhecimento genérico, né, geral; todo mundo conhecia. Mas, na faculdade mesmo, de Medicina, a gente não tinha um contato com o pessoal, diretamente, não tínhamos nenhum contato com Manguinhos.

SK - Mas associavam Manguinhos a uma coisa assim, de pesquisa?

IB - Era uma coisa extraterrestre. (*risos*)

SK - Por isso que eu estou perguntando.

IB - Era uma coisa que a gente sabia que existia, e que era uma coisa formidável, né?

SK - Mas era uma coisa assim meio inatingível ou era uma coisa que...

IB - É, era uma coisa mais ou menos assim, ele lá em cima, era muito alto. E eu gostava demais dos trabalhos que eles publicavam; já tinha aquela paixão pela pesquisa, né? Oswaldo Cruz também [foi de muito], muito conceito.

SK - Quem eram os nomes? Era o Oswaldo Cruz, ou tinha mais assim?

IB - Geralmente, era o Oswaldo Cruz que era ligado com tudo isso.

SK - Chagas menos.

IB - Também Chagas.

SK - Também.

IB - Não, Chagas...

SK - Mas vocês ouviam? Quer dizer, era um nome que se ouvia na faculdade?

IB - Ih! Demais. O Amilcar não tirava...

SK - É claro, pelo Amilcar...

IB - Através do Amilcar é que nós ficamos conhecendo o Chagas. E ele dava muito valor ao Carlos Chagas. Nossa! Evandro Chagas; eram todos citados.

SK - Mas era uma coisa assim, distante.

IB - Também, tudo distante.

SK - Mas tinha uma coisa assim, deles serem meio medalhões assim? Não?

IB - Não, não, não tinha essa idéia, não. Não tinha essa idéia, não. A gente que... eu fiquei conhecendo mais foi depois com o Jofre, né? Pela amizade com o Jofre. Nossa! Então, é como dizia o Jofre: “Isaac, você não sabe como é bom você ter estudado uma doença, como a Doença de Chagas, porque serve de base para qualquer outra endemia. Depois que você aprendeu isso, você... a importância de se conhecer, como você está se aprofundando nessa doença, é bom porque todas as outras doenças obedecem mais ou menos essa mesma linha” Malária, quistosomose; é tudo, tudo é parecido, né? Hospedeiro intermediário, transmissor.

SK - Isso. Os ciclos parasitários.

IB - É, os ciclos. “Foi bom você conhecer uma doença, como você está estudando a doença, por isso, porque você agora domina qualquer outra endemia”.

SK - Mas quando o senhor quis ir para o interior, o senhor já tinha a idéia de estudar endemias, ou era uma...? Não tinha ainda?

IB - Não, não. Saber que ia acontecer, eu sabia, porque a gente está lá, e aparece, né? E o engraçado é que em vez...

SK - Mas não tinha uma diretriz assim?

IB - Nada. Ninguém conhecia a Doença de Chagas. Eu estou te dizendo que o primeiro caso de Doença de Chagas aqui, na Colônia Agrícola, fui eu que publiquei. *Doença de Chagas na Colônia Agrícola Nacional de Goiás*.

SK - Pois é, então vamos para lá. O senhor falou que, depois de formado, passou um tempinho em Rio Verde, no hospital...

IB - Foi muito pouco tempo, no Rio Verde, num hospital. E depois eu fui para outra cidade, também no interior. Até que...

SK - Qual outra cidade? O senhor lembra?

IB - Se chamava Uruana, essa aí que é interior mesmo.

SK - Como é que era assim? Não tinha quase nada?

IB - Era uma pequena cidade, cidade pequena. Eu fiquei algum tempo lá, e depois, então, com a mudança da capital, eu não tive dúvida, fui o primeiro a chegar.

SK - Mas antes o senhor ficou um tempo em Ceres. Quando é que o senhor chegou em Ceres?

IB - Ceres, deixa eu ver se me lembro. Foi antes de Uruana.

SK - Foi depois de Rio Verde?

IB - Foi depois de Rio Verde. De Rio Verde eu fui para Ceres; de Ceres fui para Uruana.

SK - E por que é que o senhor foi parar em Ceres?

IB - Olha, mais influência da... O pessoal da Colônia Agrícola Nacional de Goiás tinha muito contato com o pessoal de Anápolis, e foi em Anápolis que eu fiquei conhecendo; fiquei pouco tempo em Anápolis, em outro hospital. De Rio Verde, eu tive também, em Anápolis, pouco tempo. E lá, eu fiquei conhecendo essa colônia agrícola.

SK - Que era um projeto do Vargas, um projeto importante.

IB - É, um projeto muito importante essa colônia agrícola.

SK - Como é que era lá, Dr. Isaac? Era o quê? Era uma cidadezinha?

IB - Era uma cidade do interior, né? Tinha um rio lá chamado Rio das Almas; de um lado, era Rialma; do outro lado, era Ceres. Então, Ceres era mais ou menos uma colônia assim, do governo, né?

SK - Sei.

IB - Mas tinha muita coisa particular, inclusive, eu fundei um hospital lá.

SK - Pois é, eu...

IB - Nessa Colônia Agrícola Nacional de Goiás, eu tive um hospital lá, todo montado; foi esse hospital que eu trouxe para Brasília, né?

SK - Mas esse hospital, o senhor fundou como assim? Com o quê... o governo...

IB - Não, tudo, tudo é...

SK - Tudo particular.

IB - Tudo particular. Tinha um colega lá que tinha uma casa, que ele adaptou para fazer um hospital. Ele era médico e engenheiro; coitado, ele gostava mais de engenharia do que de Medicina. Mas ele então, ele construía. Ele construiu essa casa e me convidou: “Olha, você não quer tomar conta desse hospital, não? Você fica lá, e depois você me paga como você quiser”. Eu pensei... comprei a casa, e fui pagando com a renda do hospital, né?

SK - Que interessante. E o hospital atendia o quê? Como é que eram as doenças da região ali?

IB - Todas as doenças próprias da região: Doença de Chagas; malária... deixa eu ver... muito caso de dispepsia aguda, né, que eles chamavam de gastroenterite de criança. E as pequenas, como febre tifóide, muito rara, mas aparecia. Varíola, muito raramente aparecia. Mas a gente ia tomando conhecimento dessas... hepatite, por exemplo, peguei caso de hepatite lá, como vê aqui, em Brasília, mas não caso autóctone; no caso, as pessoas que vinham com hepatite para cá.

SK - Isso que eu ia perguntar. Os trabalhadores da Colônia, eles vinham da onde?

IB - Era do Brasil inteiro.

SK - Do Brasil inteiro.

IB - Era do Brasil inteiro. Muitos, naturalmente, vinham de Goiás, mas era do Brasil inteiro; veio gente de todo lado. Foi uma verdadeira epopéia mesmo; essa cidade ali virou um vespeiro, né, de uma hora para outra estourou. A cidade foi... era barraco construindo, sabe? Só tinha uma rua no meio, avenida central, que depois passou a ser Avenida Central; até hoje está lá a primeira avenida.

SK - E as pessoas vinham atraídas já por algum subsídio... por alguma coisa de governo ou não?

IB - Não era nada, nada, nada.

SK - Sabiam que tinha alguma coisa ali?

IB - Chegava aqui com a cara e a coragem, sabe? Ia montando tudo, tudo por conta própria; era assim.

SK - E o que se produzia lá de agricultura, o que é que era?

IB - Muito pouca, né? Tinha muito pouca coisa. Depois que começaram virem às hortas, as fazendas, é que começaram a ter, mas não tinha nada aqui, não.

SK - Mas esse projeto da colônia agrícola era voltado para que tipo de coisa? O senhor lembra assim, alguma coisa de...

IB - Normalmente, agricultura, né, era o principal daquilo ali.

SK - Mas algum cultivo específico?

IB - Não tinha nada disso; o povo é que foi criando, sabe? À medida que o povo vai chegando, cada um foi... cada um foi chegando e montando uma coisa: um montou um hotel, outro montou... era assim; era uma diversidade: um fez uma padaria, o outro fez isso. Aqui tinha lugar para tudo.

SK - E por que é que aquele lugar... Porque tinha aquela coisa do Getúlio, da marcha para o oeste, né?

IB - É, já tinha essa idéia, né? Então...

SK - Era um lugar especificamente assim, interessante, pela localização geográfica?

IB - Bom, tudo aquilo era Planalto Central. Essa Cidade Livre é porque foi o primeiro núcleo, que foi esse núcleo que sustentou a capital, né, praticamente. Porque o povo ia chegando e não faltava candango – chamava-se candango –; os candangos iam trabalhando, e cada um ia fazendo o seu barraco, e ali se desenvolveu um núcleo enorme; hoje, você viu a cidade... você não visitou lá nada ainda?

SK - Não, a gente...

TR - Não conhece nada, né?

IB - Vocês vieram pela primeira vez aqui, né?

TR - É.

SK - É.

IB - Bom, vocês vão ter o Catetinho, e lá do Catetinho, vocês podem ver a Cidade Livre, que era mais ou menos entre o Catetinho e até a Novacap, que até hoje tem coisa lá, foi do tempo do... do... do tempo que começou. Muita coisa ficou, né?

SK - Mas essa Cidade Livre, não é Ceres?

IB - Não. Cidade Livre é o Núcleo Bandeirante.

SK - Sim. Mas qual é a distância de Ceres para cá?

IB - Bom, a gente vinha de Ceres, a gente vinha para Anápolis... cento e tantos quilômetros para Anápolis, cento e tantos quilômetros de Anápolis para cá.

SK - Não é tão perto.

IB - É, não é tão perto, não. Eu fiz uma jornada, quase 300 km. Nossa mãe! Numa perua, junto com a mulher e os três filhos.

SK - Pois é.

IB - Os três filhos e um na barriga da mulher, que era o caçula, né?

SK - O senhor chegou em Ceres, o senhor falou mais ou menos o quê, 1950, mais ou menos por aí?

IB - Deixa eu ver...

SK - Porque 49, o senhor falou...

IB - Ceres foi depois que eu me formei, em 48; 49, eu fui para Rio Verde; do Rio Verde... do Rio Verde, passei pouco tempo em Anápolis; e de Anápolis, eu vim para Ceres.

SK - É, deve ter sido mais ou menos por volta disso aí, 1949, 50.

IB - É, por aí, 49, 50.

SK - E o senhor ficou lá até vir para cá depois?

IB - Fiquei até quando anunciou que a capital estava mudando, já estavam começando a fazer o Catetinho, aí, eu vim logo; não esperei muito, não. Cheguei aqui, não encontrei foi nada mesmo; era o nada, era o chão.

SK - Imagine. Só terra.

IB - Só terra.

SK - Antes da gente chegar aqui, em Brasília; em Ceres, o senhor falou que criou esse hospital, que era o... chamava como? Hospital de Ceres?

IB - Era Centro Cirúrgico.

SK - Centro Cirúrgico de Ceres.

IB - De Ceres. É.

SK - E lá, o senhor atendia a população toda?

IB - Tudo que vinha, a gente tinha que atender.

SK - Mas as pessoas o quê, pagavam?

IB - Alguns pagavam, outros não. A mesma coisa de Brasília: quem podia pagar, pagava; quem não podia, ficava devendo, se pagasse, pagava.

SK - E tinha mais médicos lá, que trabalhavam com o senhor?

IB - Tinha, tinha médicos também que trabalhavam.

SK - Médicos locais ou que vinham de outros lugares?

IB - Não, aí eles também vinham de outros lugares; tudo era médico de fora.

SK - De fora, né?

IB - Esse médico que me vendeu esse hospital, ele montou um outro hospital depois; já tinha um outro que estava criando um hospital muito antes de mim; ele chegou e montou um hospital lá, com tudo também. Era assim, a gente chegava e ia montando.

SK - Mas o senhor acha que era porque o senhor... no caso do senhor, tinha uma dose de idealismo muito grande.

IB - É, eu tinha, eu tinha muito ideal.

SK - Não tinha gente que queria ganhar dinheiro lá também, não?

IB - Tinha os oportunistas que chegava, chamava safra.

SK - Safra?

IB - Safra. Safra é quando você trabalha, trabalha, trabalha, chega na safra que tem dinheiro. Mas o resto, não tem dinheiro. Então, a safra, na safra corria um bocado de médico.

SK - É porque eu pensei; o senhor falou que tinha muito, o aterro foi crescendo, crescendo, deve ter ido gente...

IB - Ah, na época da safra, chovia, né?

SK - Aparecia um monte de médicos.

IB - Acabava a safra, aqueles aventureiros iam embora.

SK - O senhor tem um artigo sobre a infestação lá de Ceres, por barbeiro. Como é que foi isso?

IB - Aí, eu chamei o Pedreiro de Freitas, de Ribeirão Preto. Então, ele... O primeiro caso de doença que eu diagnostiquei, foi ele que fechou o diagnóstico, fazendo... a gente chamava... deixa eu ver como é que chamava... Meu Deus do céu!... Xenodiagnóstico. Ele me emprestava os barbeiros, quer dizer, as ninfas.

SK - As ninfas, isso.

IB - Ele me emprestava as ninfas, que não eram... que não eram... [eram] ninfas, né, e eu usava...

SK - Para fazer o exame.

IB - ...para fazer o exame. Então, eu chamava xenodiagnóstico. As ninfas são vorazes por sangue, né? Elas chupavam o sangue da pessoa e eu mandava aquilo para ele.

SK - O senhor conheceu o Pedreira como? Lá?

IB - Foi através do Jofre. Tudo quanto é conhecimento desta época foi tudo com o Jofre. O Jofre me falava nele; disse: “Olha, o Pedreira de Freitas tem trabalhos publicados”. E ele veio; eu mandei um convite...

SK - Ele foi até lá.

IB - ...e ele veio, veio por conta lá, de Ribeirão Preto.

SK - Para Ceres ou para cá? Foi para Ceres.

IB - Foi quando eu estava em Ceres. Ele foi lá me visitar...

SK - Para conhecer lá o lugar.

IB - Ficou hospedado comigo lá; foi comigo nas cafuas, em casa de pau a pique.

SK - Pois é, isso que eu ia perguntar. Porque não tinha barbeiro; os barbeiros vieram com os trabalhadores?

IB - Com os trabalhadores. O barbeiro já existia, né?

SK - Na região.

IB - Já existia na região. Então, eles faziam as cafuas...

SK - E aí domiciliaram.

IB - E nas frestas, os barbeiros ficavam lá e contaminavam os doentes. Ele examinou o *Triatoma infestans*, *Triatoma*... aqui, o mais comum era o *Triatoma infestans*; e até foi ele que diagnosticou a existência do *Triatoma*, e ele é quem me ensinou tudo aquilo. Ele classificou o *Triatoma*, como sendo da região; *Triatoma infestans*. E ele fazia os exames no [pé, para ver se] (c-280) eles estavam infestados, né? Ele me mostrava – eu me lembro –; o primeiro *Trypanosoma* que eu vi, foi ele quem me mostrou...

SK - Foi o Pedreira?

IB - Foi o Pedreira, no laboratório.

SK - Mas o que é curioso, eu me lembro desse seu trabalho, que o senhor fala como é que... o senhor fala, né, porque por um lado, a colônia agrícola era exatamente um projeto da modernização, né?

IB - É, da modernização.

SK - E, de repente, começou a dar infestação de barbeiro.

IB - Pois é, mas...

SK - Isso, na época, deu alguma coisa assim, de repercussão em jornal, alguma coisa assim?

IB - Dava, porque qualquer coisa que a gente publicasse, dava um tripocó danado, né, porque ele levava ao conhecimento das autoridades, através dos congressos; geralmente, em Goiânia, era muito citado.

SK - Aqueles tais congressos médicos do Brasil...

IB - É, Congresso Médico do Brasil Central.

TR - Central.

IB - E que a gente assistia quase todos, não perdia um.

SK - O senhor participava sempre?

IB - Participa.

SK - Desde o primeiro?

IB - Tudo. Através do Jofre, eu participava de tudo que era congresso.

SK - Porque o primeiro foi em 46, 47, e o senhor era estudante ainda. O senhor chegou a...

IB - É, esse eu já não fui.

SK - O senhor participou como formado?

IB - Eu já participei como médico. Até por intermédio do Jofre, a gente ia em tudo que era congresso.

SK - Como é que eram esses congressos?

IB - Eram muito bons, porque reunia o pessoal, não só aqueles lá do [Triângulo Mineiro] Brasil Central, mas iam os convidados, né? Eles convidavam outros especialistas; então, vinham de todo o Brasil para lá. E a gente aproveitava para se instruir. Mas a Doença de Chagas era o xodó.

SK - É, né?

IB - O resto era doença da cabeça... um médico lá disse que eu tinha psicose chagase.

SK - É, né? Se apaixonou?

IB - Era apaixonado pela Doença de Chagas.

SK - Agora, o pessoal do Ministério da Saúde aparecia nesse lugar?

IB - Aparecia e não gostavam da gente.

SK - Por quê?

IB - Porque, sinceramente, a gente não era ligado a... a gente não fazia parte deles, e eles achavam que aquilo era um demérito para eles. Eu sempre... tinha muito choque. Quando saía um trabalho desse publicado, quando saiu o primeiro trabalho, em Brasília, nossa!

SK - Mas quem... quem era... era o quê? Era... era...

IB - Era o Ministro da Saúde que não gostava disso. Me lembro que o secretário de saúde de Goiânia um dia foi me visitar lá, e me perguntou: “Qual é a sua idéia de publicar esse trabalho?”, “Ué?!? Eu sou um cientista, eu sou um estudioso, e eu não tenho nenhuma...”, pensando que era algum problema político; levavam tudo por esse lado. “Eu não tenho nenhuma participação política, eu não pertencço a partido nenhum”.

SK - Mas por que é que achavam que era coisa de política?

IB - É porque fica parecendo que era uma coisa que nós estávamos combatendo os caras que não estavam fazendo direito a profilaxia. (*inaudível*) (c-326
Eles tinham [?], eles trabalhavam; porque a doença mesmo, ela é endêmica mesmo; não adiantava nada porque... e nós é que fomos começando a divulgar a doença, né?

SK - Claro.

IB - E aquilo ficava ali entre quatro paredes, ninguém publicava nada, e nós abrimos as coisas. O Jofre então, era craque nisso.

SK - Porque é interessante, Dr. Isaac, o senhor está falando isso, porque a primeira campanha de profilaxia, ela acontece em Uberaba, em 1950.

IB - Exatamente. Em Uberaba e Uberlândia, vários congressos foram lá.

SK - O senhor lembra assim, de ouvir falar dessa coisa? Como é que foi o impacto dessa atuação, na cam... que aí o Ministério da Saúde falou que ia fazer uma profilaxia.

IB - Ah, foi feito.

SK - Como é que isso impactava entre vocês assim?

IB - Entre nós, a gente não tinha preocupação política; o nosso problema, entre eu e o Jofre, a gente não tinha essa preocupação, de agradar ou desagradar. A gente queria estudar, teve a chance de estudar; tinha uma revista à disposição da gente; o Jofre mandava naquela revista; e era querida essa revista, teve uma penetração no mundo inteiro; o Jofre mandou essa revista para tudo quanto é [biblioteca], foi parar em Leningrado, com a revista do [Hernandes], vc entrava na biblioteca lá. Eu não sei como é que o Jofre descobria... eu sei que ele mandava para todo lugar, ele mandava essa revista.

SK - O senhor teve notícia da revista como? O senhor lembra?

IB - Bom, foi através dele, né?

SK - O senhor já conhecia ele, quando ele lançou a revista?

IB - Já, porque, quando ele lançou a revista, ele me conheceu num congresso.

SK - Num congresso do Brasil Central.

IB - É, eu fui num congresso do Brasil Central, não conhecia o Jofre. Aí, cheguei lá e pronto: eu apresentei um trabalho sobre Doença de Chagas.

SK - Aí ele...

IB - Aí, virou meu amigo.

SK - Virou seu amigo na hora.

IB - Ah, mas virou meu amigo na hora. Ele disse: “Esse cara é dos nossos”.

SK - Esse trabalho era sobre o quê?

IB - Esse meu trabalho é sobre a forma aguda.

SK - Forma aguda, que o senhor falou.

IB - Sinal de Romaña. Eu estava publicando... porque havia essa doença em Ceres.

SK - É, o senhor falou. E aí o senhor até falou do Dr. Rassi também, né?

IB - É, falei. Depois, publiquei um trabalho junto com o Rassi também.

SK - Mas isso mais tarde.

IB - Forma aguda... também forma aguda da Doença de Chagas.

SK - O sinal de Romaña foi importante para divulgar isso, né, Dr. Isaac?

IB - Foi muito importante. Sabe quem descobriu? Minha mulher. Ela sabia que eu estava estudando, eu mostrava para ela assim, as fotos, né, mostrava os... e um dia, ela pegou um menino na rua com o olho inchado; ela então pegou o menino, conversou com a mãe: “Olha, eu preciso levar esse garoto para o meu marido examinar, porque ele está estudando essa doença”, e ela que teve a idéia, né? Eu então telefonei para o Pedreira, que eu ia mandar para ele, que ele me fornecesse o material para fazer, e ele me mandou; mandou rápido, e chegou ainda fiz o próprio... eu fechei o diagnóstico com o xenodiagnóstico. Quer dizer, eu já tinha idéia do que eu precisava.

SK - E o senhor lia trabalhos sobre isso?

IB - Ah, estudava muito.

SK - Quais eram os autores? O senhor lembra?

IB - Eu gostava muito... eu tenho um livro até aí; como é que ele se chama? Você deixa eu dar um pulinho ali.

(interrupção)

SK - Bom, eu vou retomar aqui. O senhor me mostrou – para gente deixar registrado – o Tratado do Eugênio Coutinho, de doenças infecciosas.

IB - Você tem a cabeça boa, guardou.

SK - 1947.

IB - É a edição de 1947.

SK - E lá que o senhor lia tudo sobre as doenças?

IB - Qualquer doença infectocontagiosa que aparecia, eu me lembro, voltava nos meus tempos do professor Amilcar.

SK - Estávamos aqui conver... registrar aqui que D. Clotilde, esposa do Dr. Isaac, se formou na Escola de Enfermagem...

TR - Ela não terminou.

SK - Estudou na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em Belo Horizonte. E depois trabalhou com o senhor, né, no hospital de Ceres.

IB - Foi. No hospital, foi praticamente, ela quem dirigia a parte administrativa, ela que cuidava. Tínhamos uma enfermeira formada também, que nos ajudava muito.

D. CLOTILDE: É, e que operava com a enfermeira.

IB - Que operava com a enfermeira, e ela segurava o aparelho de anestesia lá.

SK - Que interessante.

IB - Chamava Máscara de Ombredame.

SK - Ombredame?

IB - Ombredame, é. Você colocava o éter, e controlava, de forma que não havia perigo nenhum para o doente, sabe? Esses aparelhos muito modernos... você tem um tal de Takaoka, que é um aparelho que você pode até... é uma peça igual a um avião com piloto automático. Essa Takaoka só falta falar, controla tudo. Mas o perigo é o anestesista sair da sala.

SK - Ah, sim.

IB - Geralmente, acidente quando dá, ele está fora. Eu confio muito no Takaoka...

Fita 2 – Lado A

SK - Agora, lá, em Ceres, Dr. Isaac, o senhor estava dizendo, o senhor descreveu um caso lá de Doença de Chagas, e tinha uns barbeiros lá, o pessoal do Ministério da Saúde mandou gente lá para botar inseticida?

IB - Nada, não, não. Eles faziam tudo separado da gente. Não tinha nenhum entrosamento.

SK - Mas aí o quê? Não foram combater, não foram fazer a para o profilaxia lá, não?

IB - Foram me chamar atenção porque é que eu publiquei o trabalho.

SK - Ah, é? Olha só. Ainda foram dar uma bronca.

IB - Foram dar uma bronca. Mas não aceitei. Eu digo: “Eu vou continuar trabalhando”. É porque o Juscelino tomou conhecimento do trabalho, esse trabalho de Doença de Chagas, em Ceres; o Juscelino recebeu, mandei para ele, o Jofre que entregou a apostila para ele, onde tinha esse trabalho. Que o Jofre mandava para gente uns 10 ou 20 folhetos sobre o trabalho publicado na revista do [?]; eu guardava ele.

SK - Tipo uma separata do...

IB - Uma separata. E eu ofereci um para o Juscelino. Ele estava dirigindo [a reunião] lá, na frente, lá com o ministro da Previdência, que chamava... esqueci o nome dele. E eu mandei um... mandei destacado para ele, esperando que em Brasília não acontecesse a mesma coisa que em Ceres.

SK - Mas foi em que ocasião? Que reunião foi essa?

IB - Era um negócio de médico, um congresso de médicos.

SK - Ele participava?

IB - Ele participava.

SK - Mesmo já governador?

IB - Era muito convidado.

SK - É, ele era...

IB - Ele era o presidente de honra da Associação nossa aqui; eu fundei uma associação médica e ele era o nosso presidente de honra. Era uma maneira de homenagear. Ele era

um homem fora de série mesmo; eu não era da política dele, dominante, não era político, mas oh homem extraordinário.

SK - Mas o senhor, por exemplo, em relação a essa coisa do Juscelino, ele era respeitado assim?

IB - Era, era muito querido; em Brasília, era...

SK - Mas antes mesmo de Brasília, na época... já lá para trás, que ele ainda...

IB - É, ninguém conhecia, né?

SK - Lá, em Minas.

IB - Eu não tinha relações nenhuma com ele; fiquei conhecendo aqui, em Brasília mesmo.

TR - Que na época de quarenta e poucos, quando o senhor estava na faculdade, ele era deputado.

IB - Não, ele era prefeito; ele foi prefeito. Foi prefeito, foi governador...

SK - É, ele foi prefeito de Belo Horizonte.

TR - Foi; depois foi deputado em 30 e 40...

IB - Foi prefeito, foi governador, depois deputado, depois deputado federal; fez uma carreira...

SK - Mas as pessoas não viam tipo assim... alguém chegava e dizia: “Ah, é médico, mas agora foi para política”, tinha um pouco disso ou não?

IB - Ah, tinha de tudo.

SK - Tinha de tudo, né?

IB - Tinha. Eles combatiam; foi um dos homens mais combatidos que eu já vi. Essa capital então, eles me consideram como maluco, que estava jogando dinheiro fora; a oposição era muito violenta, o Carlos Lacerda, né, era o opositor máximo do Juscelino. Botavam as fotografias do Juscelino abrindo a boca, dizendo: “Como é que um homem desse vai construir Brasília?”, mas ele devia estar com sono, né? Umas escritas besta, né? Ele foi muito criticado.

SK - Quando o senhor mandou esse trabalho para ele, o que é que ele fez?

IB - Na hora lá, ele falou assim: “Dr. fulano de tal – Dr. fulano de tal era o presidente da Previdência –, aproveita o Isaac”. Mas nos convidaram para ser médico do Instituto; eu fui do primeiro grupo de médicos aqui do hospital, chamava-se Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira.

SK - Que era do Instituto dos Industriários.

IB - Dos Industriários, é. Aquele que quem viu o pessoal todo, né? Mas isso depois que eu estava aqui, instalado, né?

SK - Pois é, conta como é que foi essa passagem para cá. O senhor estava em Ceres, aí o senhor resolveu vir para cá; como é que foi?

IB - Olha, eu resolvi vir para cá, como se diz, com a cara e a coragem. Trouxe tudo, trouxe um hospital inteiro, né? Fui trazendo, e joguei no relento assim, debaixo de um toldo; arrumei lá um toldo e coloquei o hospital ali dentro, e fui construindo, de madeira, né, era tudo de madeira.

TR - E veio alguém com o senhor, essa sua equipe que trabalhava no hospital?

IB - Não, não.

TR - Não, o senhor sozinho.

IB - Os amigos, que eu fui trazendo, alguns eu trouxe para cá, eles ajudaram; um rapaz gostava muito de construção, ele construiu o hospital para mim. Fui lá, na Novacap, pedir uma planta lá; eu digo: “Queria isso, isso, isso”, fizeram uma plantinha, né, toda... me deram a planta completa. E eu, com esse moço lá, nós fomos fazendo o hospital de madeira.

SK - Que beleza. Isso já em 56?

IB - 57.

SK - 57. Ah, é, a D. Clotilde estava dizendo, em janeiro.

IB - Foi em janeiro de 57. 31 de dezembro para 1º de janeiro; dezembro de 56 para 1º de janeiro de 57.

TR - Aí, o senhor se instalou aqui de vez.

IB - Ah, instalei de vez lá. Aí a minha mulher ficou em Anápolis, porque ela estava grávida do meu caçula, né, e depois ela veio já com o menino de colo.

SK - E o senhor veio, ficou aqui, como é que era? O senhor montou o quê? Uma lona, ficou...

IB - Ah, a gente montou uma lona lá, no relento mesmo; se armava um barraco aqui, assim, num dia. E a gente já veio, já fui colocando as coisas do hospital ali dentro, e dali a gente já foi construindo. Era assim que a gente fazia, ia chegando e arrumando.

TR - E as pessoas que vinham se clinicar eram os trabalhadores?

IB - Eram tudo candangos, né, com dinheiro, sem dinheiro, eles iam chegando, né?

SK - E eles vinham para tratar o quê?

IB - De tudo, tudo quanto é coisa que dava. Dava muito traumatismo; muita, por exemplo, fratura, queda; e acidente de trabalho era muito comum, muito acidente; eu tinha raio-X, tinha jeito de imobilizar as fraturas, né? E a gente ia atendendo tudo que chegava, né?

TR - Eles traziam alguma doença assim, com eles?

IB - Às vezes, algumas doenças. Por exemplo, tinha um caso de maleita, mas não era maleita local – porque já tinha maleita lá –; chegava aqui já com a doença. Doença de Chagas, por exemplo, não tinha, já era o chagásico que vinha de fora, né?

SK - Não tinha barbeiro nessa região?

IB - Não tinha barbeiro na região, a não ser nas cidades próximas. Por exemplo, nós tínhamos próximo, tem Luziânia, que tinha barbeiro; tinha Brazlândia, que tinha barbeiro também; Planaltina; tudo é zona de Doença de Chagas, quer dizer, em torno da cidade. Em Brasília mesmo não tinha encontrado, não. Aí, já tinha... estava chegando o pessoal da malária, chegando o pessoal das endemias foi chegando, e eu fui controlando aquilo.

SK - O senhor tinha contato com o pessoal do Departamento de Endemias?

IB - Tinha, tinha, tinha contato. Eu era muito relacionado com eles.

SK - O senhor lembra de alguém?

IB - Deixa eu ver se me lembro de algum nome... Eu não guardei.

SK - Porque da circunscrição Goiás era o Átila.

IB - Ah, é, o Átila; fui muito amigo do Átila; eu gostava muito do Átila. O relacionamento era mais ou menos assim, formal, né, mas eu gostava muito do Átila.

SK - E eles faziam o quê? Levantamento para ver se tinha...

IB - Faziam levantamento, faziam... Com a mudança da capital, a coisa melhorou, naturalmente. Em cidades próximas, por exemplo, Anápolis, Goiânia, Cristalina, eles começaram a cuidar melhor. Também duas aqui perto...

TR - Planaltina.

IB - Planaltina, Luziânia, Brazlândia. Eles cuidaram muito disso aqui, a capital da República.

SK - E como o senhor vieram outros médicos ou vieram poucos, nesse comecinho?

IB - Eram poucos, né? No começo ficou aqui... o Ernesto não exercia a profissão, ele era mais diretor administrativo. Tinha eu, o Edson Porto; tinha o Dr. Jaime também, que ele

era também médico da Novacap, lá ficava perto do Edson Porto. Olha, era assim, três, quatro médicos só para atender toda essa população. E depois, aos pouquinhos, daqui a pouco começou a chover, né? A cidade foi tomando nome, foi chegando, gente entrava e saía, né? Mas permanecer mesmo, eram poucos, era meia dúzia de médicos aqui.

SK - E, por exemplo, remédios, como é que vocês faziam? Vinha da onde?

IB - As farmácias foram chegando, né? Foram chegando as farmácias. Foi tudo junto; tudo é particular, né? Aí vai chegando gente, vai montando-se a farmácia, e não faltava, não. Bancos, foram chegando muitos bancos, foram chegando. Foi um enxame, a cidade encheu, né? Aquilo foi assim, uma coisa relâmpago mesmo. Dentro de um ano a cidade estava assim, um formigueiro de gente. É igual a conquista do oeste, foi um desbravamento.

SK - Desbravamento.

IB - Foi uma beleza.

SK - E onde é que essas pessoas moravam, por exemplo, esses trabalhadores?

IB - Foram chegando e fazendo o seu barraco e...

SK - E não tinha risco do barbeiro ir para esses barracos, não?

IB - Não. Podia acontecer; o meu medo era esse.

SK - É, porque eu li um trabalho seu que o senhor dizia isso: “Olha, tomem cuidado”.

IB - Eu falava mesmo: “Cuidado com... nada de casa de pau a pique com fresta na parede” Não, aqui não teve chance de barbeiro entrar aqui, na própria cidade, não. Ele ficou isolado nessas cidades próximas, e o combate foi muito grande, porque é capital da República.

SK - Mas já desde o início, por exemplo, tinham preocupação de evitar, construir certo tipo de coisa...?

IB - Eu acho que sim. Por causa dos gritos que a gente dava, dos trabalhos que a gente publicava, eles tiveram muito cuidado, tiveram muito cuidado.

SK - E como é que faziam? Eles ficavam controlando, o pessoal do Departamento de Endemia?

IB - É, o Departamento fazia o seu trabalho, eles ficavam fazendo... faziam as pesquisas. Nas cidades próximas... que eu tinha medo era na bagagem trazer o barbeiro, ou a própria ninfa, podia vir. O meu medo era esse. E o caramujo também; eu tinha medo do caramujo entrar no lago.

SK - No lago. Já pensou?

IB - Até isso eu falava também, desse caramujo lá [das Canoas].

SK - Quer dizer, vocês alertavam, né?

IB - Ah, a gente alertava. Dava raiva, mas... mas que deu resultado.

SK - Deu resultado.

IB - Deu resultado, graças a Deus. Não foi por causa da gente, não. Que o Jofre falava; a revista tinha circulação, né?

SK - Quem é que publicava na Revista Goiânia de Medicina? O senhor conhecia, colegas seus?

IB - Conhecia vários. O Anis Rassi, o Jofre. Toda revista que saía tinha trabalho do Jofre.

SK - É, ele era o editor, né?

IB - O Jofre era o editor Então, parece que ficou uma revista especializada; eu chamava de “Órgão Oficial da Doença de Chagas no Brasil”.

SK - E essa revista circulava entre os clínicos locais, e o pessoal...?

IB - Circulava entre os médicos. Era muito divulgada. Se uma coisa que o Jofre primou, foi em divulgar essa revista. Ô, revista de (*inaudível*).

SK - Tinha outra desse gênero?

IB - Não, era a única, era a única. É difícil porque tinha... o Journal, que era inglês, né? Tinha o...

SK - Journal, qual?

IB - Journal... Tinha o Journal de cirurgia; tinha o Journal... esses mais especializados, né? Agora, revista mesmo era essa.

SK - Brasil Médico, vocês liam?

IB - Depois teve a revista de Brasília, né, a revista médica.

SK - Mas essas revistas que vinham do Rio ou de São Paulo, vocês liam alguma?

IB - A gente lia.

SK - Brasil Médico?

IB - A gente lia, mandavam às vezes, mandavam para gente muitas. Eu recebia muita revista médica.

SK - Mas era sistemático assim?

IB - Mandavam sempre; os laboratórios ajudavam muito, [Gazeta] também traziam.

SK - Essa revista, realmente, a história está sendo feita aqui.

IB - Ela é a história da Medicina aqui, Planalto Central, é a Revista de Medicina. Foi uma obra pioneira, né, de um homem dinâmico como o Jofre, né?

TR - É a oportunidade dos médicos do interior de publicar os seus trabalhos.

IB - Eu, por exemplo, como que eu ia publicar um trabalho? Quem é que... ninguém me conhecia, né? E o Jofre não... o Jofre... não tinha problema com ele; ele era aberto, a revista era aberta para qualquer pessoa. Eu mesmo me projetei na Medicina só por causa dele, tudo através do esforço dele. Sabia dar valor a um médico do interior, né? E os congressos do Brasil Central também eram uma chance que a gente tinha para conhecer pessoas, de ficar conhecido.

TR - Se eu não me engano, um desses congressos, vocês apresentaram umas moções ao ministro.

IB - É, a gente...

TR - Eu acho que teve um trabalho que o senhor publicou junto com o Edson Porto e com o Jorge Nabuco, sobre o saneamento de Brasília.

IB - É, tinha, tinha um trabalho de saneamento de Brasília.

TR - Só que ele não foi publicado na íntegra na revista, né?

IB - É, mas que a gente tinha, tinha muito... muita oportunidade.

SK - O senhor tem esses trabalhos escritos...?

IB - Não, eu fui perdendo.

SK - É, porque se não publicou, né?

IB - Eu fui perdendo aos poucos; a gente vai... muita coisa, vai muita mudança, né? Mudança e incêndio, né, perdi muito trabalho. Sobrou muito pouco; eu tenho muito pouco trabalho dos que eu publiquei. Porque currículo, você vai apresentar, daqui a pouco esquece, vai o currículo junto pra... e você não recebe de volta, né?

SK - Agora, essa época do hospital aqui, que o senhor montou, os casos que vinham, mesmo lá, em Ceres, o senhor guardou documentação disso, Dr. Isaac?

IB - [?]

SK - Que pena.

IB - É uma pena. Eu também... de vez em quando, eu quero publicar qualquer coisa... agora, para publicar esse livro aí, nossa! foi uma luta, viu? Ele era um rapaz que ele fez 52 comissões para publicar esse trabalho; cada um... minha parte foi o lote da igreja, viu, eu fiquei só com essa parte. Então, eram várias comissões trabalhando; trabalhamos quase dois anos nesse livro; coisa que... só coisa mesmo de igreja, né, mas tem história, né?

SK - Claro.

IB - Tem história. Mas eu não tinha mais documento. Para arranjar uma fotografia daquela época, foi uma luta, viu?

SK - Mas aqui, o pessoal que trabalhou, esses pioneiros, esses médicos, tem documentação dessa época, desses primeiros hospitais?

IB - Olha, existe aqui um serviço que se vocês tiverem tempo de visitar, no Núcleo Bandeirante, nesse próprio hospital Juscelino, se chamava Hospital Juscelino Kubitschek, tem a Memória Candanga.

SK - O que é que é isso?

IB - É um símbolo de tudo que... chama Memória Candanga de Brasília.

SK - Está nesse hospital?

IB - Está lá no hospital. Se vocês tiverem tempo para passar lá, pode ser que vocês consigam muita coisa lá, porque nós fomos... eles foram juntando tudo.

SK - Interessante, né?

IB - Pode ser. Chama Memória Candanga de Brasília. Pode ser que eles tenham muita coisa lá, porque eles convidavam a gente para declarar, para mostrar trabalhos, eles convidavam os médicos; e eles têm um documentário enorme sobre a Cidade Livre, e sobre esses trabalhos pioneiros. Eu não sei se vocês vão encontrar. Porque foi montado no próprio hospital; o hospital acabou, eles fizeram outros hospitais já com construção definitiva, e aquilo ali, eles guardaram ali como se fosse uma memória viva de Brasília, né? Pode ser que lá vocês encontrem muita coisa, que eu deixei passar aqui.

SK - É, porque é uma época tão interessante, tão rica, né?

IB - É, vocês estão lutando aí, estão se agarrando com unha e dente aí com os poucos que ainda se lembram. Que a gente não lembra tudo mais, não; a memória vai falhando, né? Eu estou falando muito aqui porque vocês estão perguntando; vocês estão com a capacidade de levantarem coisas que ó...

SK - A gente vai recuperando, né? Aí pergunta, aí lembra.

IB - Várias, aos poucos, você lembra; daqui a pouco, quando você sair daqui, eu: "Ih! Eu esqueci de falar isso".

SK - Por isso que a gente vai voltar depois.

IB - “Ah, eu precisava falar... Ô! Eu esqueci de dizer isso”.

SK - Porque teve também... O senhor quer parar, a gente retoma outro dia?

IB - Não, não. Para mim, tanto faz.

SK - A gente pode continuar mais um pouquinho, e a gente reserva a quarta-feira para falar só da sua atuação aqui, em Brasília.

IB - Tá bom.

SK - Tá. Mas eu queria fazer algumas perguntinhas. Porque o senhor falou... eu estava lendo, parece que foi criada... teve uma associação médica de Brasília, né?

IB - Fui eu que criei.

SK - Pois é. Foi o senhor...

IB - A primeira associação médica, fui eu quem criei.

SK - Foi logo nesse comecinho?

IB - Foi logo no começo, em 1959, parece. Eu tinha... nós tínhamos aqui... isso foi por intermédio do Rassi; o Rassi era presidente da Associação Médica de Goiás.

SK - O Luiz Rassi.

IB - Luiz Rassi, irmão do Anis Rassi.

SK - Isso. A gente vai entrevistar ele também lá em Goiânia.

IB - O Luiz Rassi, ele era o presidente lá, e ele me nomeou o presidente de uma regional de Brasília... que Brasília não existia, né? Uma regional de Brasília da Associação Médica de Goiás. Então, eu fui o primeiro presidente dessa associação aqui. Aí, os médicos foram chegando, foram chegando, e quando é um belo dia, eles falaram: “Ô, Isaac, péra aí! Você é presidente de uma regional da Associação Médica de Goiás. Não está na hora da gente fundar uma associação médica de Brasília?” Eu já estava com essa idéia na cabeça, né, mas com o pedido deles, chegou a hora então da independência, né?

TR - Antes mesmo da fundação de Brasília.

IB - Ah, Brasília não existia; Brasília só existia na cabeça da gente. Porque a capital não tinha mudado ainda; foi a primeira... parece que foi a primeira vez... foi uma associação completamente ilegítima, antijurídica, porque não tinha base nenhuma. Como é que vai fazer...?

SK - Como é que funcionava?

IB - Como é que vão funcionar uma associação médica de um lugar que não existia, só existia na imaginação?

SK - Não tinha nem como registrar.

IB - Nada, nada, nada. Não tinha como. Era um troço antijurídico, não podia fazer, tanto que o Rassi não gostou, né? Mas o que é que eu vou fazer? Eu era o presidente de uma regional, os colegas estão chegando, de completamente de lugares diferentes; só tinha o [Jorge Nabur], que era de Goiás, tinha... deixa eu ver mais... Edson Porto; tudo que eram... para prática mesmo, considerados de Goiás também, né? Quer dizer...

SK - O Edson Porto era da onde?

IB - O Edson Porto é de Goiânia.

SK - De Goiânia.

IB - De Goiânia. Ora, como é que nós íamos fundar uma associação dessa aqui? Mas a pressão era dos outros, que não tinham nada com o peixe, não... O Florentino veio do Rio Grande do Sul, ele trabalha no Sul também.

SK - Médico também.

IB - Médico trabalhando só no Serviço Nacional de Tuberculose; pioneiro também. O outro lá, Maurício Dusi; esse veio de Minas Gerais. Franz Gonzaga Teixeira Lima também chegando de fora. Esse pessoal vai e “Vamos fazer uma associação aqui”. Não tenho nada a falar contra. Então, reunimos, eu acho que já tinham conseguido vários..., mas uma quantidade já grande de médicos, que eu nem conhecia, né? E juntamos num barraco lá na Novacap, que eles emprestaram para gente, e ali nós resolvemos fundar a Associação Médica de Brasília, sem... sem... Nossa Mãe! Sem... sem... de uma cidade que não existia. Porque Brasília, oficialmente, é no dia 21 de abril de 1960; aí é que começou Brasília; antes disso, era só um negócio assim... como se diz, existia na imaginação dos que estavam aqui trabalhando e queriam que esse negócio fosse para frente. Então, aí saiu a Associação Médica de Brasília, foi daí em diante.

SK - E esses médicos que vinham, eles trabalhavam nos vários... Tinha o quê? Tinham vários hospitais que come...

IB - Não. A maioria era de médicos ligados ao serviço... alguns serviços de...

SK - Dos institutos.

IB - ...de vários institutos. Um era do Instituto IAPI.

SK - É, IAPI.

IB - De IAPI. Tinha IPASE; tinha IAPETEC.

SK - Ah, entendi.

IB - Era uma quantidade, depois é que juntaram.

SK - Os institutos mandaram... os institutos vieram para cá?

IB - Vieram para cá, trouxeram seus médicos. A Carteira de Acidente de Trabalho veio também, chamava CAT, Carteira de Acidente de Trabalho, do INPS. Os médicos do INPS foram chegando também, foram se reunindo, tinha um grupo, fez a CAT, que era Carteira de Acidente de Trabalho, que já era instalada lá na Novacap, de madeira. E foram chegando, foram chegando, foram chegando. E daqui a pouco, estava uma associação forte, vários médicos, chegamos a reunir 30 médicos, nesse dia lá, e médico de todo lado: tinha médico que veio de fora, tinha o Rômulo Moreno, um boliviano, que tinha vindo para o Brasil, e tinha conseguido registrar o diploma dele aqui em Brasília, né, no Brasil. Então, nasceu essa coisa que não existia, né?

SK - E aí fazia o quê? Havia reuniões?

IB - Fazia reuniões; depois elegemos uma diretoria de novo, né? Eu aceitei ficar só por três meses, queriam, o mandato era de dois anos. Eu digo: “Não, eu vou ficar até o estatuto ficar pronto”, e pedi um prazo de três meses. “Eu vou ficar aqui só três meses”, para dar mais oportunidade para outros também assumirem, né, porque ficar tudo na mão de uma pessoa só, eu achava que elegendo uma diretoria poli, de vários, era muito melhor, né? Já que a gente não tinha mais nada com Goiânia, a coisa ficava entre nós aqui mesmo. Saiu essa Associação Médica de Brasília.

SK - Agora, além desses médicos vinculados a um instituto, havia outros que vinham montar consultório particular?

IB - Muito deles particulares. Igual a mim, o que eu fiz, chegava médico lá na cidade, e montava seu consultório lá, né? Outros vinham para o plano piloto, já estava começando a construir também muitos barracos no plano piloto; e já ia montando; cada um montava o seu serviço. Depois começaram a chegar os hospitais particulares também: Santa Lúcia, né, que foi o primeiro hospital particular; depois veio Casa de Saúde Dom Bosco, também foi com outros médicos de São Paulo, que chegou aí. Foi divulgando muito a capital, né?

SK - E o seu hospital, como é que foi?

IB - Continuei lá na cidade [mesmo], tinha um hospital...

SK - Chamava como?

IB - Centro Cirúrgico de Brasília. Tudo que eu tinha em Ceres, eu trouxe.

SK - E o senhor ficou nesse hospital até quando?

IB - Fiquei lá até a mudança... quando eles mudaram, tentaram mudar o Núcleo Bandeirante. O que é que eles queriam? Eles queriam acabar com o Núcleo Bandeirante

e passar tudo para Asa Norte, mas terminaram ficando lá mesmo. Durante muitos anos, eu ainda cliniquei lá, né? Até, quando inaugurou o Hospital L2, eu vim para L2, já na capital, me trouxeram para cá.

SK - E os serviços nacionais? O senhor falou que o Serviço Nacional de Tuberculose...

IB - Tinha o Serviço Nacional de Tuberculose; tinha o Serviço das Endemias Rurais.

SK - Malária tinha?

IB - Malária. Tudo... tudo...

SK - O senhor conheceu o Pinotti?

IB - Não, não cheguei... Não, conheci só em congresso.

SK - O Pinotti depois foi ministro do Juscelino.

IB - Só o conheci em congresso, que às vezes ele era convidado para abrir o congresso, mas saía logo. Mas eu só conheci assim, de vista, não era pessoalmente, não.

SK - Porque a tuberculose era um problema, né, o pessoal se preocupou muito, né?

IB - Tinha, tinha muito. No serviço... esse Florentino, que foi o primeiro médico ligado com essa área de tuberculose, ele era o diretor do serviço Campanha Nacional de Tuberculose. Hanseníase também. E todas as áreas, né?

SK - Os casos de malária, que o senhor recebia lá, o senhor tratava com o quê?

IB - Era com Arale, né, naquela época já tinha o Arale; tinha o quinino, mas o Arale (*inaudível*) trabalhava; tratava com Arale.

SK - Não foi o Pinotti... O Pinotti até desenvolveu o sal cloroquinado, né?

IB - É, foi ele que pôs o sal iodado no... colocava o iodo no sal de cozinha. Ele foi um homem muito ativo, né, muito, muito. Era uma maneira de botar o iodo para tratar de bócio, né?

SK - É... não. Isso. Eu estou falando da malária, da cloroquina, que era a mesma coisa, né?

IB - Esse sal já estava muito deteriorado mesmo, porque tinha iodo, tinha...

SK - Tinha um monte de coisa no sal.

IB - Tinha um monte de coisa para malária.

SK - Tinha bócio nessa região?

IB - As regiões endêmicas têm.

SK - Em volta, né?

IB - Em volta, tinham, né? Por exemplo, Cristalina existia; Luziânia; Planaltina. Isso é doença endêmica, né, falta de iodo no...

SK - Os trabalhadores que vinham, Dr. Isaac, eles eram muito... Porque, né, a gente vai vendo na história, dessa idéia da importância social das endemias rurais, porque o trabalhador rural fica muito... perde a vitalidade. Claro, tem malária, tem Doença de Chagas. Os candangos que vinham para cá, como é que eles eram vistos assim? Porque eles tinham a coisa da vitalidade prejudicada por causa de doença?

IB - Tinha. Naturalmente, tinha; tinha anemia, tinha verminose, tinha... era tudo improvisado, né? Mas eram uns homens valentes, né? Diz que o sertanejo é antes de tudo um forte.

SK - É, já dizia...

IB - Então, eles fizeram... são uns heróis. Tinham uns que desmaiavam até; uns que trabalharam tudo amarrado porque podia despencar lá de um andaime daqueles lá de cima. Tinha problema de anemia verminose. Tinha de tudo. Tinha um médico aí, Dr. Cláudio Pena, ele tentou escrever um livro, mas não sei o que aconteceu; ele me entrevistou, mas com a morte dele, eu acho que morreu também a idéia do livro, sabe? Eu não sei se ele deixou com alguém.

SK - Porque seria interessante uma memória desse...

IB - Porque ele estava coordenando muitos casos, que ele entrevistava vários médicos. Mas não saiu com ele em vida, e depois que ele morreu, não sei, não sei o que é que foi que aconteceu com livro, sabe.

SK - Olha, eu sugiro que a gente faça... vamos parar um pouquinho agora. A gente pode voltar a conversar na quarta-feira, né?

IB - Não tem problema.

SK - Aí, a gente vai continuar... aí, a gente quer que o senhor conte para gente mais assim, como é que foi esse cotidiano aqui de Brasília, como é que foi caminhando isso, nesses quase 50 anos.

IB - Tá bom. Que hora que vocês querem vir? Vou anotar aqui, tenho que anotar lá na agenda.

SK - Bom, eu vou desligar aqui. Muito obrigado, Dr. Isaac. Eu espero não ter cansado...

IB - Eu vou dar uma olhadinha o que é que eu tenho na quarta-feira, né?

Data: 18/10/2006

Fita 3 – Lado A

SK - Bom, hoje é dia 18 de outubro... aliás, não é Dia do Médico?

IB - Ah, é, hoje é o dia.

SK - Meus parabéns aqui; vamos dar os parabéns.

IB - Muito obrigado. Ainda bem que não é feriado.

SK - Continuando aqui a nossa conversa com...

IB - Porque é tanto feriado aqui, né?

SK - Já pensou ter mais um.

IB - Mais um só por causa do médico.

SK - Ah, mas ia ser merecido.

TR - Também acho. Justíssimo.

SK - Ia ser justo. Então, estamos aqui continuando nossa conversa com o Dr. Isaac. Agora, com a presença aqui da Dominichi Miranda Sá. Então, Dr. Isaac, a gente... anteontem, né, a gente conversou bastante sobre a sua formação, né, sobre sua trajetória, o senhor contou para gente lá, em Ceres.

IB - A chegada em Brasília.

SK - Aí, a gente queria hoje... a gente queria se deter exatamente nessa chegada aqui, o que o senhor começou a fazer aqui quando chegou, como é que foi esse momento da chegada. E a Tamara está com umas dúvidas também. A gente pode, de repente, até começar a partir de umas perguntas, que a gente depois pensando na entrevista, a gente ficou com algumas dúvidas.

TR - Algumas dúvidas em relação (*inaudível*) a faculdade...

SK - Ah, então, tá. Então, tá. Você está com tudo anotado aí? A gente vai... ao longo da conversa a gente vai perguntando.

IB - Foi uma madrugada.

SK - Uma madrugada?

IB - Uma madrugada. Nós saímos de Ceres lá, dessa tal Colônia Agrícola Nacional, tinha um hospital, né? e juntos, atravessando esse Goiás aí, a vento, chuva que era uma coisa incrível, né?

SK - Como é? De carro?

IB - De carro, eu tinha uma perua, chamada Perua Willys, tinha tração nas quatro rodas; então, era um carro muito bom, muito forte. E a gente foi desatolando caminhão; tinha caminhão, eu gostava demais; e os meninos ligaram... o André, que era o mais velho, estava junto com a gente, ele admirava aquilo; a gente ligava no pára-choque do caminhão um cabo, e a Rural Willys ia rodando aquele cabo e arrastava, tirava os caminhões do atoleiro.

SK - Qual era a estrada?

IB - Era uma estrada no interior, passava por Cristalina, parece que por Luziânia, sabe? Era o que tinha; era a única estrada que tinha de acesso, e nós aproveitamos e (*inaudível*). Passamos lá, numa cidade chamada cidade... como é que chamava a cidade? Ocidental; foi um espírito lá que fez essa cidade, um coronel do Exército aposentado, ele fundou essa cidade lá, mas não tinha nada naquela época, né? E aquele homem me disse: “Mas isso é uma temeridade, você viajar com a mulher grávida?”. A Lolita estava esperando o caçula da gente, o Fernando, né? “Mas isso é uma temeridade sua”. E continuava: “Vamos repousar aqui”. Eu digo: “Não, não. Nós precisamos amanhecer em Brasília. Eu não quero que o dia me pegue, eu quero que no raiar do primeiro de janeiro, eu tenho que estar lá”.

SK - Nossa! Que emocionante.

IB - Então, fomos, até que...

SK - E com uma criança, né, o senhor falou, com o seu filho também.

IB - É, tinha um filho... já um filho, e já tinha o... esse...

SK - E ela grávida.

IB - Ela grávida, esperando. E avistamos Brasília. Ah, foi uma festa.

SK - E o que é que tinha ali?

IB - Tinha nada. (*risos*)

SK - É, porque o senhor falou “Avistamos Brasília”.

IB - Não tinha coisa nenhuma. Era o que... realmente, não existia era Brasília, né, mas...

SK - Quem é que estava aqui já? O que é que tinha?

IB - Tinha lá o Catetinho, que vocês visitaram. Que são dois Catetinhos: tem o Catetinho antigo, que eles reformaram todo lá, está tudo lá; e tem um outro Catetinho, que foi feito

depois já, que a D. Sarah vinha, e já tinha que ser uma coisa mais bem organizada, né? O Catetinho estava lá, no Gama, né, ali na entrada do Gama. Vocês passaram lá, né?

SK - A gente foi.

IB - Pois é. E ali foi a única coisa que nós víamos de existência de Brasília, era aquilo. Agora, entre...

SK - Essa fazenda do Gama era o quê? Era uma fazenda de uma pessoa?

IB - Era uma fazenda lá de alguém, que eles desapropriaram aquilo, né? Foram todos indenizados; todo mundo que tinha uma terra aqui, dentro do Planalto Central, no Sítio Castanho, foi tudo desapropriado. Eles pagaram indenização. E eu sei que tinha uma estrada que ia dar do Catetinho até a Novacap, que era a companhia que ia construir Brasília – só barraco de madeira –, onde lá estava o Edson Porto. O Edson, nesse dia ele não estava porque era fim de ano, e ele foi para Goiânia, mas logo que ele chegou, eu encontrei com ele lá. E ele me contou a epopéia dele, que ele também largou lá Goiânia, largou tudo que ele tinha lá, né, ele estava solteiro ainda, e veio pra... para essa Novacap ali, para trabalhar, para atender o pessoal, fazer o serviço médico, que eu lhe contei, do INSS da época.

SK - Do IAPI.

IB - Chamava IAPI, exatamente; chamava IAPI. E foi assim que nós atravessamos aquela avenida enorme, e eu me fixei exatamente no meio, onde estavam construindo ali – não sei se vocês visitaram – o Núcleo Bandeirante.

SK - Não.

IB - Tem a primeira avenida, e essa primeira avenida é cortada por uma travessa, chamada Travessa Dom Bosco – Dom Bosco por causa da igreja, que é uma igreja católica, que chamava Dom Bosco. E só tinha essas quatro esquinas ali, que estavam sendo... o pessoal estava construindo. Tinha o Expresso Universo, que cuidava de problema de transporte, né? Do outro lado, tinha um banco, que era o Banco da Lavoura, tinha uma pensão que estava sendo construída, e nós ficamos na outra esquina. Com quatro esquinas, e eu ocupei uma delas.

SK - Mas ocupou o quê? O senhor ficou... tinha um quartinho ali?

IB - Não, não. Eu fui pedir lá na Novacap, autorização para construir alguma coisa; construí um barraco de madeira, e joguei o material do hospital todo lá dentro.

SK - Mas até o senhor construir, vocês dormiam aonde?

IB - Nada, mas é rápido, isso a gente fazia da noite para o dia.

SK - É mesmo?

IB - Era.

SK - E o senhor fez sozinho ou pediu ajuda ali pro...?

IB - Não. Naturalmente, o pessoal que estava lá, né? É tudo de madeira, então...

DM - Mas o senhor não tinha contato nenhum com a Novacap; o senhor veio, se apresentou...

IB - Não, vim por minha conta, com a cara e a coragem.

TR - E se apresentou e pediu um...

IB - Cheguei lá, me apresentei e falei: “Eu quero montar aqui um hospital”; e aí isso que o Juscelino queria, ele contava muito com a gente; nós é que fizemos praticamente a estrutura de Brasília, foram os particulares. A Novacap só tinha aqueles barracos, e quem construiu Brasília foi a Cidade Livre. O pessoal ia chegando, e todo mundo ia chegando e montava... e uma... aquela... era uma cordialidade enorme, as pessoas se entendiam, né, todo mundo se ajudava, né? Se precisava um doente, eu atendia; o outro, se precisava de uma... Mas era incrível, era uma família só, família dos desgarrados; pessoal maluco que deixa tudo que tem, para a vir acreditar em Brasília. Porque o Juscelino, ele despertava na gente um espírito de aventura mesmo; e a gente acreditava nele, né?

SK - O senhor deve ter ficado emocionado ao chegar, né?

IB - Eu fiquei, eu fiquei muito emocionado. Não tinha nada para ver, mas eu fiquei feliz de ser dos primeiros. Quer dizer, eu não dependia dos outros, não cheguei quando todo mundo tinha chegado. Era esse o meu... o meu ideal era esse: construir uma cidade, não chegar e encontrar tudo pronto, tudo organizado, disputar com os outros; não estava disputando com ninguém. Cheguei ali e pronto, era eu e acabou, era eu mesmo. E com tudo que é aparelho que podia ter num hospital moderno.

SK - O que o senhor levou?

IB - Raio-X, laboratório, tudo que eu tinha lá em Ceres, eu levei para lá. Joguei lá debaixo de um desses barracos e começamos a construir ali mesmo. Fui na Novacap, pedi, como eu falei, uma autorização...

SK - O senhor falou com quem na Novacap? O senhor lembra?

IB - Era um assistente do Oscar Niemeyer, que ele é quem fazia as plantas; o homem fez uma planta de graça para mim, para você ver como era.

SK - Que beleza.

IB - Todo mundo se ajudando. Ele me fez essa planta. Um hospital bonito, né? É muito bonito o hospital, assim, com estilo moderno, mas tudo em madeira. Era engraçado que era tudo de madeira. Um estilo arrojado, cheio de coisa, muito bonito. E ali eu montei o meu ambulatório, comecei a trabalhar. E aí os casos começaram a aparecer. Era cada caso que aparecia: mulher grávida. E não tinha assistência nenhuma. Chegou lá um homem

que estava até... me lembro que ele estava meio chumbado, ele chegou lá e disse assim: “Agora, que eu vim, que o meu filho vai chamar Brasília Bandeirante.

SK - Brasília?

IB - Brasília Bandeirante, quer dizer, Brasília de Brasília e Bandeirante da cidade Bandeirante.

SK - E chamou mesmo?

IB - Botou o nome do menino de Brasília Bandeirante.

SK - E foi o senhor que fez o parto?

IB - Fui eu que fiz o parto da mulher dele lá. Mas quem ia fazer?

SK - Que emoção.

IB - Não podia dizer: “Olha, eu não sei fazer parto”. Eu tinha muito preparo; eu fiz... eu fiz residência na Santa Casa, em Belo Horizonte, e eu via aqueles partos lá, aprendi a fazer aqueles casos mais complicados, os médicos ajudavam, e eu fui repetindo tudo que eu aprendi ali, né?

SK - Que beleza.

IB - É, então, eu estava muito preparado para ir para o interior mesmo. Eu não fiquei parado, e não fiquei com uma especialidade só; eu tive que ter um preparo mesmo para ir para o... que aquilo era como se fosse uma guerra, né?

SK - Atendia de tudo.

IB - Atendia de tudo. Uma vez chegou um cara lá com... não sei o que aconteceu no olho dele, eu não sei se arrebentou a conjuntiva, eu tive que costurar, improvisado; tive que dar uma costura na conjuntiva do olho do sujeito.

SK - Como é que foi a história da primeira cirurgia?

IB - A primeira cirurgia foi de um pobre de um português, coitadinho; eu fiquei morrendo de dó desse português. Ele... por causa das chuvas, abriu uma vala enorme, no meio da tal avenida, primeira avenida; a chuva foi... a enxurrada ali, e começou a abrir umas valas lá; e ele vinha num caminhão sem freio, coitado. E ele ficou desesperado porque ele não conseguia frear o carro, e era descida, né, e ele saltou; ele saltou, ele pulou fora para não se arrebentar; ele pulou, e a roda traseira esmagou a perna dele. Mas acabou; mas sangrava pelo... e eu sem sangue, sem nada para fazer, com o material do hospital... porque eu fui chamado pelo Edson Porto; o Edson Porto estava tomando conta da parte que ia ser o hospital – ainda não tinha, né, mas estava tudo em construção. E o Edson me mandou um assistente dele, que era um rapaz que fazia oftalmologia, então, ia se especializar, ainda era estudante de Medicina, mas entendia muito de laboratório. Então, ele foi dar aula de

laboratório. Aí veio o Cláudio: “Vamos fazer isso”. Nós chegamos juntos. Quando o cara foi acidentado, chamaram primeiro o hospital, né, e alguém...

SK - O hospital lá do Dr. Edson.

IB - O hospital... Não, não estava funcionando nada, não. Tinha o plano de funcionar o hospital, mas não tinha nada, nada. Tinha o prédio, mas não tinha nada ainda preparado. E ele chegou junto e falou assim: “Isaac, como é que nós vamos fazer? Lá, nós temos o material, está todo encaixotado”. Eu digo: “Já que você chegou primeiro, vamos fazer o seguinte. Como é um caso grave...” – a primeira grande cirurgia, de grande porte, que eu tinha que amputar essa perna do sujeito; você pensou, você tomar essa decisão numa hora daquela? Meu Deus do céu! Eu sei que eu digo: “Olha, o caso é grave, não é uma cirurgia pequena, é uma cirurgia de médio porte. É melhor a gente... vamos levar lá para o seu hospital, eu levo minha enfermeira, e minha máscara de Ombredame – que eu te falei –, para fazer a anestesia”, porque não tinha anestesista também. O Edson ficou segurando a máscara.

SK - Essa máscara de Ombredame é o quê? É uma espécie de éter que joga...

IB - É, você joga o éter assim, no lugar, e põe a máscara, e a pessoa vai respirando. Ela não tem perigo nenhum, essa máscara de Ombredame; essas máscaras modernas são muito perigosas, se o médico não ficar ali, olhando muito perto, pode acontecer alguma coisa. Essa máscara de Ombredame é muito segura; não se usa mais, né, mas eu tinha e foi o meu socorro.

SK - Claro.

IB - E o Edson... eu levei a enfermeira, a enfermeira fez e indução da anestesia...

SK - Quem era a enfermeira?

IB - Era a Estela; era uma moça que... primeira enfermeira daqui.

SK - Estela... o senhor lembra... depois eu pego o nome dela todo.

IB - Estela... Estela... Estela... Medeiros. Estela Medeiros de Oliveira.

SK - Ela trabalhava já com o senhor?

IB - Muito, eu trouxe de Ceres, era a mesma que tomava conta do meu hospital, ela veio e me acompanhou. E a Estela fez a indução da anestesia. E eu deixei... e “Edson, agora você segura essa máscara aí, e toma conta”. E ficaram os dois, ela e ele, cuidando da parte de anestesia, que era a responsabilidade dela, da moça, e o médico...

SK - Claro.

IB - ...tinha mais nome, era mais responsável; então, o Edson ficou lá, ajudando. E o Cláudio ficou fazendo a pesquisa do grupo sanguíneo, para saber qual é o sangue... já tinha perdido quase que o sangue todo. Eu tinha que amputar essa perna, e ainda

restabelecer o sangue que ele perdeu, né? Foi uma... Engraçado é que o diretor do hospital não era o Edson ainda, era um... a gente chamava de Napiário; ele veio pelo INPS, e era ele que tinha que anotar o material, e ele disse: “Você vai esperar aí um pouquinho, que eu tenho que anotar”, e o homem lá... Eu digo: “Rapaz, nós vamos precisar operar esse homem é agora”. E ele: “Não, não, péra aí. Deixa eu tirar...”, ele tinha que anotar no...

SK - No papel.

IB - Eu me lembro que ele tirava aqueles, aqueles negócios que ficam dentro, era um cordão e um papel escrito, e ele tinha que anotar aquilo. E eu achei gozado; eu digo: “Olha, vai jogando nessa bacia, arranja álcool e flamba”; não dava tempo... flambar, você sabe o que é, né, jogar álcool em cima e tocar fogo, né, aí esteriliza mesmo, né?

SK - Claro.

IB - Aquilo mata qualquer... apesar de estragar um pouco o material, né?

SK - Mas esteriliza.

IB - “Olha, eu estou pouco somando. Eu vou precisar desse...”. Então, eu me lembro que ele jogou tudo dentro de uma bacia, e ele anotando: “Não, deixa, eu tenho que anotar”. E eu precisando da anestesia... ainda bem que a anestesia já estava correndo. E à medida que ele ia jogando os... ele ia tirando o material, eu começando a amputar a perna do sujeito. Nossa Mãe! Eu me lembro do Borges da Costa. Borges da Costa era um professor velho, esse já estava com mais de 60 anos, e ele espertinho, sabe, ele fez uma amputação dessa e eu assisti ele fazendo.

SK - Lá, em Minas.

IB - Em Minas, na Faculdade de Medicina, no curso de cirurgia. E esse velhinho fez a amputação, e eu fiz igualzinho.

SK - O senhor lembrou na hora.

IB - Me lembrei do jeito que ele pegou aquela faca, cortou a perna do sujeito aqui, depois cerrou o osso.

SK - O senhor nunca tinha feito uma cirurgia desse tipo?

IB - Nunca, mas é o tal troço, que você tem que fazer.

SK - Claro.

IB - Você sabe, anatomia...

SK - Mas o senhor deve ter ficado... o senhor lembra de ter ficado nervoso? Deve ter ficado.

IB - Nada. Eu fiquei foi emocionado.

SK - É. E conseguiu salvar o rapaz?

IB - Salvei, graças a Deus. De vez em quando, eu via esse... ele depois pôs uma prótese. Depois, quando o pessoal chegou, o Fábio Rabelo chegou, já era especialista em cirurgia plástica, eu digo: “Olha, Fábio, eu vou te mandar um cara aí, que eu amputei, deixei um coto...” – que a gente tem que deixar o coto; não pode seccionar na articulação, tem que ser... um pedaço do osso tem que ficar para eles adaptarem uma prótese; até isso que eu tive que racionar, tudo isso nessa... com aquela rapidez, e o homem perdendo sangue, né? Eu comecei a ligar os vasos logo primeiro, que eu ia cortar, aí começou a parar o sangue; foi minha sorte, né? E aí, o Cláudio Costa, que era oftalmologista e laboratório também, ele é que pesquisou o grupo sanguíneo, arranjou um sangue compatível, e eu fiquei só dando (*inaudível*), né? Se você injeta um sangue de um grupo de uma careta que não pode receber aquele sangue, pode dar um dar uma hemólise, pode dar a morte do sujeito na hora, né? Então, foi assim que eu fiz a primeira grande cirurgia dentro desse hospital. Até hoje eu me lembro.

SK - Quando foi? O senhor lembra a data? Foi logo no começo?

IB - Foi logo no começo. Isso deve ter sido... deixa eu ver... cheguei em janeiro; acho que uns dois ou três meses depois.

SK - Em 57, mesmo.

IB - Já estava com tudo... tudo pronto lá, e fui eu que estreei, praticamente, a sala de cirurgia do hospital.

SK - Do hospital que o senhor estava cons...

IB - Não, do hospital...

SK - Já do Hospital Juscelino.

IB - ...que o governo estava construindo, que chamava JK... HJKO, é abreviatura do Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, né?

SK - E isso deve ter dado muita reputação ao senhor aqui, né?

IB - Deu. Virgem Maria! Deu uma... eu pensei: “Meu Deus do céu! Se eu perco esse homem aqui, estou liquidado”. A primeira... eu ia pegar um choque desse de cara assim; eu digo: “Esse homem não pode morrer na minha mão de jeito nenhum”.

SK - Como era o nome dele? O senhor lembra?

IB - Eu esqueço o nome dele. Mas até hoje eu me lembro dele andando com essa prótese.

SK - Que emoção, né?

IB - De vez em quando, eu encontrava com ele: “Oi, como é que vai?”. Ficou meu amigo, virou irmão, né? E ele me abraçava, me agradecia, ele viu que eu salvei a vida dele, né? Salvei a vida, e ainda consegui fazer uma prótese apropriada para fazer a... Foi o Fábio Rabelo que operou; isso já quando o hospital já estava pronto, né, o distrital; o distrital já veio um ano ou dois anos depois, não foi tudo logo, não; o que ficou funcionando foi o HJKO e o meu; eram os dois hospitais.

SK - Pois é, isso que eu ia perguntar. Antes do distrital inaugurar, o que tinha era o do senhor e o HJKO?

IB - Só tinha o meu e esse HJKO. Tinha ainda uma Carteira de Acidente de Trabalho, que era só de médico. O Gustavo... não sei se você encontrou com o Gustavo.

SK - Gustavo o quê?

IB - Ribeiro.

SK - Não.

IB - Ele é quem era o diretor daquele hospital.

SK - Qual hospital?

IB - Esse que você visitou, que você viu o museu hoje.

SK - Mas ali não era o HJKO?

IB - Era, ali era o HJKO.

SK - Porque o Dr. Edson dirigiu esse hospital também.

IB - Ele dirigiu depois. Primeiro, foi o Edson Porto, que você entrevistou; e depois o Gustavo...

SK - Ah, sim.

IB - ...que dirigiu. O Gustavo ficou na tal Carteira de Acidente de Trabalho, que era só os casos de acidentes; ele tomava conta disso. Porque antes dele chegar, eu que fazia, né? Não tinha ninguém para atender, eu ia atendendo. Fiz uns convênios com várias... Pacheco Fernandes; tinha Rabelo; só as companhias construtoras que foram chegando para Brasília. E eu era praticamente o médico dessas companhias; eles combinavam comigo, quando tem qualquer caso, eles tinham que ir lá, eu tinha que dar atestado, quando precisava afastar do serviço.

SK - Isso que eu ia perguntar. Como é que ficava essa questão, por exemplo, dos direitos trabalhistas, no caso de acidente?

IB - Eu não sei bem, mas já tinha...

SK - Os institutos deviam cuidar disso.

IB - Eles faziam... Não, eles cuidavam disso; tanto, que eu dava o atestado, afastando o sujeito por uma semana ou dez dias, conforme o caso, né? Que eu às vezes engessava, pequenas fraturas, etc., eu tinha um Raio-X, então eu fazia a radiografia e depois engessava os caras. Eles ficavam sem trabalhar, mas muitos até que trabalhavam tudo engessado, que podiam os movimentos, no caso, podiam ser feitos, alguns, e eles continuavam às vezes trabalhando. Agora, quando precisava de afastar assim, de tudo, eu dava um atestado para eles. Então, foi a primeira... eu fui o primeiro médico, praticamente, a atender os clientes em Brasília, né? Depois, o Edson Porto também fazia parte, que ele gostava muito de pediatria, mas ele atendia também tudo, né? E quando ele não tinha condição de atender, ele chamava o Rassi. Eu me lembro de um homem lá que... não sei se foi uma briga, parece que foi uma briga, ele era até cozinheiro, ele teve uma briga lá, o sujeito meteu uma navalha, cortou..., mas abriu o pescoço do sujeito, que você via de um lado e você via do outro; pegou... quase pegava a artéria, essa artéria aqui do pescoço, né? Eu sei que a traquéia do homem ficou aberta. Nossa Senhora! E ele chamou o Rassi; o Rassi veio de jato, de avião – chegava rápido, né? –; chegou aí, e eu me lembro que o Rassi é que suturou, fez a sutura lá desse caso.

DM - Agora, como é que foi assim, a equipe? Como é que o senhor foi montando a equipe do seu hospital? O senhor foi incorporando pessoas daqui?

IB - Não, não, não. O Hospital JK, os médicos começaram a chegar. Além do Edson Porto, tinha eu, o Edson ficou na pediatria, eu fiquei na cirurgia, e foram chegando outros médicos. Esse Nabor, que você falou, Jorge Nabor também era clínico. Depois foram chegando ortopedistas, né?

SK - Mas eles iam para o HJKO e para o seu também?

IB - Não. Tudo no HJKO.

SK - O seu, era o senhor...

IB - Era meu, era particular.

SK - Tá.

IB - Era particular. Eu, raramente, chamava. Quando eu precisava... Por exemplo, tinha caso de ortopedia, que eu chamava, eles iam lá; até chegaram a operar lá no hospital, era um barraco de madeira, mas todo arrumadinho, tinha tudo, tinha autoclave; tudo que eu tinha em Ceres, eu trouxe para cá.

SK - E o senhor... e como é que era essa... o senhor ganhava... Como é que era?

IB - Quando podia pagar, né?

SK - Quanto podia pagar.

IB - Quando pudesse pagar. O que é que eu ia fazer, né?

DM - Quanto e quando.

IB - E a maioria era de candangos, que estavam deixando as terras deles, para vir ganhar dinheiro para sustentar a família. Então, foi uma chance para muita gente desempregada, porque aqui não faltava emprego, o sujeito ia chegando, sempre tinha o que fazer em Brasília, né? Então, e os candanguinhos chegando, e iam se matriculando nas companhias. As companhias absorviam tudo, tudo quanto é candango que ia chegando. Às vezes, o sujeito nunca fez nada, mas a tal história, tinha que fazer, né? Precisava de pedreiro, estava chegando pedreiro, carpina. Olha, tudo que chegava, era aproveitado.

SK - E eles situavam as moradias ali, naquele Núcleo Bandeirante?

IB - Tudo barraco. Não. Às vezes, na própria companhia; a companhia instalava, e fora mesmo do Núcleo Bandeirante... a maioria era no Núcleo Bandeirante. Quando o sujeito chegava, não tinha onde ficar, já ia construindo o seu barraco. Mas era tudo com as avenidas cortadas, tudo direitinho, já... A Novacap fazia tudo certinho, já dava autorização para construir o barraco no lugar certo, né? Não era uma bagunça, na hora que tudo...

SK - Mas essas construtoras, elas se localizavam ali, em torno do Núcleo Bandeirante?

IB - Tudo em redor do Núcleo Bandeirante, normalmente, era em redor do Núcleo. Os candangos é que ficavam hospedados, no início, no Núcleo; depois...

SK - Que é a Cidade Livre?

IB - É, chamava-se Cidade Livre.

SK - Porque não pagava imposto, é isso?

IB - Ah, não pagava nada.

SK - É, porque isso é até interessante deixar registrado, que a gente viu a informação...

IB - Era Cidade Livre porque não pagava imposto.

SK - ... porque eram liberados dos impostos.

IB - Era liberado de tudo. Imposto de Renda, eu comecei a pagar... eu tive que ir em Luziânia registrar o CPF lá, em Luziânia, que era o lugar mais próximo de Brasília, que tinha; então a gente ia lá em Luziânia, que aqui ainda não tinha Receita Federal. Mas como eu era funcionário do INSS, eu tinha que declarar Imposto de Renda.

SK - Do IAPI ainda.

IB - Do IAPI. Como eu era funcionário; senão, não recebia o salário, né? Então, eu tinha que ir em Luziânia para pegar o número; e tinha uma moça que era casada com um colega,

que também era pediatra, que ajudava a gente a declarar o Imposto de Renda. Eu me lembro dela. Ela... já tinha o gabinete lá, tudo, tudo de madeira, né, tudo improvisado.

SK - Mas o senhor já era funcionário do IAPI antes do...

IB - Não. Eu não te falei que o Juscelino mandou... mandou o ministro da Previdência me aproveitar no hospital HJKO.

SK - Ah, é verdade, o senhor falou.

IB - “Aproveita o Isaac”; ele me deu.

SK - Aí, o senhor se tornou funcionário do IAPI.

IB - Aí, fiquei... ao mesmo tempo que eu fazia a minha clínica particular, eu ia também no hospital. Foi uma maneira de subsistência também, porque lá a gente tinha o salário fixo, né?

SK - Claro, tinha uma garantia.

IB - E chamava “dobradinha”.

SK - Ah, é?

IB - É. Dobradinha é o dobro do que recebia qualquer médico; era para tudo... para os médicos de Brasília; chamava “dobradinha”.

SK - Os médicos que chegavam... O senhor desculpa, eu não sei se eu fiz essa pergunta já para o senhor ou para o Dr. Edson ontem, porque a gente mistura os assuntos. Mas os médicos que chegavam vinham por quê? Qual era o objetivo?

IB - Geralmente, eles vinham, por exemplo, contratados pelo Hospital Rassi; eles passavam a ser médicos do hospital do Rassi. E depois é que se transformaram em médico do INPS. O Edson Porto foi um, que já veio como médico do Rassi, para atender o pessoal aqui; era o representante do Rassi aqui, em Brasília.

SK - Mas o senhor lembra de algum outro que tenha vindo, como o senhor assim, como uma coisa de idealismo até de...

IB - Esse Jorge Nabor; ele veio...

SK - Veio também por conta própria?

IB - Também veio por conta própria.

SK - Ele era da onde? O senhor lembra?

IB - Ele era de Goiânia.

SK - De Goiânia.

IB - Depois ele passou a ser clínico do hospital HJKO. Veio o Nabor, veio... eu me lembro do Gílván, que veio. Veio anestesista, Marun, chamava Marun, fazia anestesia; é porque foi o único lugar que tinha para ele; ele era ginecologista, mas só tinha lugar para anestesista. E ele, então, fez um curso rápido, né, para fazer anestesia, mas depois ele passou para ginecologia.

SK - E a Novacap e o departamento médico controlava o...

IB - Controlava o... o departamento médico já era separado, porque os médicos do Hospital JKO eram médicos daquele grupo. O outro, Dr. Jairo, que ficava lá junto com o Edson Porto, já era outro departamento, ele não pertencia ao hospital HJKO, ele era médico da Novacap.

SK - Mas eles... por exemplo, lá, no seu caso, lá no que o senhor fazia, o senhor tinha contato com o pessoal dos médicos da Novacap ou...

IB - Tinha contato com todos eles.

SK - Mas não era uma coisa assim, deles quererem fiscalizar.

IB - Não, não tinha fiscalização nenhuma. Quem fiscalizava era o Conselho Regional de Medicina, que não existia; nós tivemos que fundar; é, fundamos o Conselho Regional de Medicina, em Brasília, porque... para pegar os diplomas da gente, etc. E, naquela época, estava chegando muito aventureiro, e às vezes chegava um sujeito que não era médico.

SK - Ah, é. Isso é verdade.

IB - E a gente tinha que controlar, o Conselho Regional tinha que olhar, né? Inclusive, teve um que foi um dos fundadores do hospital distrital, não era médico, mas era um cara muito...

SK - Um dos fundadores do hospital distrital?

IB - Um dos fundadores; está na placa lá o nome dele, coitado.

SK - Ah, é?

IB - Mas era o seguinte. Ele era muito vivo, muito inteligente o cara, e ele era laboratorista – ela sabe o que é laboratorista, não é quem cuida de laboratório de análises...

SK - De análises clínicas.

IB - É quem vendia os remédios. Então, ele era representante de um desses laboratórios que fabricam remédios.

Então, ele estudava aquilo, aquelas bulas, lia aquilo, e disse que era especialista em endocrinologia.

SK - Como era o nome dele? O senhor lembra?

IB - Um tal de Alfredo Ribeiro. Quando foi um dia, chegou essa bomba lá, para mim; eu era presidente da...

SK - O senhor achou que ele era médico...

IB - Não, chegou essa bomba lá.

DM - O senhor conhecia?

IB - Não, não conhecia. Um colega meu disse: “Olha, esse cara aí está constando que ele não é formado em Medicina”. Eu digo: “O que é que eu vou fazer, meu Deus do céu?” Aí, eu digo: “Olha, então você faz o seguinte. Você vai ao Rio de Janeiro...”, porque ele disse que tinha o número registrado no Conselho Regional de Medicina do Rio. “Você vai lá, na faculdade onde ele disse que se formou, e verifica isso para mim, porque nós temos que dar uma denúncia contra ele. Não é possível. Só porque é uma capital da República, o sujeito já chegar aqui...”. E não deu outra coisa. O médico foi lá, disse que era mentira, ele nunca foi inscrito em Conselho Regional de Medicina, nunca... aquele número não existia, foi ele que inventou, a faculdade que ele disse que formou, nunca existiu. E aí entreguei o problema para o Conselho Regional. Eu acho que o Conselho [?] dele. Essa foi uma das bombas que eu tive aqui, que como presidente de uma associação, você [?].

SK - Ah, o senhor era presidente da Associação Médica de Brasília.

IB - Eu não podia deixar passar. Era o único órgão ofi... não era... Que a Associação Médica não é um órgão oficial de governo, é uma entidade particular, né, mas eu tinha obrigação moral de zelar pela Medicina.

SK - Claro.

IB - Ixe! Até hoje eu tenho isso na cabeça, desse cara. Estava lá, na placa...

Fita 3 – Lado B

IB - ...nunca mais soube notícias dele. Mas era um cara muito inteligente, muito... Nossa! Ele chegou ser... ele foi eleito membro da Associação.

SK - Chegou a ser membro.

IB - Chegou a ser eleito membro, e ele fazia relações públicas, quer dizer, exatamente era o cara...

SK - Era bom de papo, né?

IB - Era um cara ótimo pra...

TR - E essas questões eram discutidas nessas reuniões? Que haviam reuniões que vocês faziam.

IB - Quando havia, havia reunião da própria associação. Até o Conselho... quando o Conselho veio, entrou, aí, felizmente, moralizou a coisa, porque você era obrigado a se inscrever, todo mundo tinha que se inscrever no Conselho, e ele não conseguiu, porque o diploma dele não existia, né?

SK - Como é que era a questão de vacinação aqui? Quem é que fazia isso?

IB - Já era o Centro de Endemias Rurais.

SK - Era o Departamento de Endemias Rurais.

IB - Era o Departamento de Endemias, onde o Florentino fazia tuberculose; tinha um prédio só para isso, ali na W3...

SK - Que era do Serviço de Tuberculose.

IB - Eu não sei se vocês passaram lá. Teve o serviço de tuberculose e de todas as endemias rurais, se reunia ali. Esse Átila, provavelmente, trabalhava lá também; ele era responsável por essa parte; ele chegou depois, não foi logo do primeiro grupo, não; ele já chegou depois, que a cidade já estava... já estava toda...

SK - O Dr. Edson falou alguém das Endemias Rurais. Como é que era? Leão de...

IB - Tinha um médico Leão também. Tinha um.

SK - Leão, né, que era das endemias também.

IB - Era uma das especialidades. Esse Leão existiu mesmo; ele foi um dos primeiros, ele, o Edson Porto chegou... Chegou depois do Edson Porto, esse Leão. Eu acho que depois o Florentino chegou para fazer a parte de tuberculose, e ele organizava o serviço, fazia abreugrafias dos operários, né?

SK - O que tinha de doença infecciosa, o senhor encaminhava lá pro...

IB - É, quando a gente tinha, eu comunicava os casos de doença... que é obrigado você comunicar as doenças. Mas era muito raro naquela época, não era comum a gente encontrar. Eu me lembro de um caso de hepatite, que eu dei um diagnóstico de hepatite, e encaminhei para Goiânia; para não ficar com ele tratando aqui, eu encaminhei, e era gente da família do Israel Pinheiro, o diretor da Novacap; mandei para Goiânia.

TR - O senhor lembra de alguma epidemia que atacou os trabalhadores? Porque o Dr. Edson Porto falou de uma epidemia de gripe.

IB - Gripe, gripe é sempre comum, né, tem muita epidemia de gripe. Tinha problema de gastroenterite em criança, então, tinha dispepsia aguda. Tinha muito problema de diarreia

e vômito em criança. A gente tratava, dava soro caseiro, aquele soro que dá pela boca, né? Quando não dava injeção, a gente tentava dar pela boca. Quando podia, não vomitava, a gente hidratava as crianças com esse tal de soro caseiro, né, que era o sal dentro da... dissolvido na água, para hidratar a criança, e repor as perdas de sais, potássio de sódio, cloro.

TR - Tinha algum grupo que se reunia para dar alguma palestra para os trabalhadores?

IB - Tinha. Nós fundamos uma associação médica, e dentro dessa associação tinha um centro chamado Centro de Pesquisas, que a gente se reunia e discutia os casos. Eu me lembro que o Ministro da Previdência, um dia apareceu lá; ele ficava isolado lá do Ministério da Previdência...

SK - Como é que é o nome dele? Está me fugindo também. O senhor não lembra? Depois a gente... eu vou deixar aqui registrado.

IB - Eu não podia me esquecer desse nome.

SK - Mas não há problema. Depois a gente complementa aqui.

IB - Foi ele que me nomeou lá, médico do INPS. Mas a cabeça não deu mais para lembrar.

SK - Não, não tem problema. Eu também não estou lembrando.

IB - Era da época, né?

SK - É, a gente vê.

IB - Muito trabalhador. E ele gostava de ser convidado. Então, como ele foi lá espontaneamente, a gente passou a avisar para ele. E a gente não tinha o que fazer o numa cidade, encontrando vários médicos... Que esse grupo que eu e Edson Porto criamos, a gente fazia as reuniões com os poucos médicos que existiam, né? Já lá no próprio hospital, a gente se reunia assim, uma vez por semana, de 15 em 15 dias, para discutir os casos. E aí eu me apaixonei, a Doença de Chagas, e sempre apresentava trabalhos sobre Doença de Chagas.

SK - O senhor já gostava disso.

IB - Ixe! Eu era doente por aquilo.

SK - Mas essas reuniões... Isso que a Tamara perguntou é interessante, porque vocês tinham que também ensinar para os trabalhadores como é, até a mesma coisa...

IB - A fazer profilaxia.

SK - ...essa coisa de prevenção, educação sanitária.

IB - Ajudava, ajudava, ajudava. Porque isso já era uma área especializada, né? Era do Átila que...

SK - Já era o pessoal das endemias também.

IB - Já era, eles que faziam essa orientação. Mas eu espalhei um... eu me lembro que nós espalhamos uns cartazes. Eu tinha um medo danado da Doença de Chagas entrar em Brasília, né? Então, eu botei um retrato de um barbeiro...

SK - Ah, é? Como é que foi isso? O senhor botou uma foto... espalhou uma foto?

IB - Era uma placa na... era uma placa mais ou menos desse tamanho aí com um barbeiro enorme chamando a atenção dos.....

SK - É mesmo? O senhor espalhou isso pelo Núcleo Bandeirante?

IB - Não, foi lá nas construções.

SK - Nas construções.

IB - Eu me lembro que uma vez, eu estava, o trator foi passando, e um cara: “Rapaz, cuidado! Não derruba isso aí, não”. Aí, passaram, derrubaram, o trator. O trator... era mato, num mato lá a propaganda da associação...

SK - “Procura-se o barbeiro!”

IB - ...da Associação Médica de Brasília já fazendo campanha; era regional de Goiás; regional de Goiás, da Associação Médica de Goiás. A regional de Brasília da Associação Médica de Goiás. E o cara me contando que o cara: “Não derruba a placa, não, rapaz”, “Ah, vamos embora, vamos derrubar”; tinha que abrir, né?

SK - É.

IB - Não podia respeitar a placa; era no mato, né, que estava lá. E eles me ridicularizavam, faziam a maior gozação: o bicho do barbeiro; que era a linguagem do povo, né, “o bicho do barbeiro”.

SK - O senhor ficou conhecido também por conta disso, né?

IB - Fiquei conhecido até na... sobre as endemias rurais; eu estava fazendo o serviço deles, né?

SK - É verdade. Isso que eu ia perguntar. Porque o senhor fazia o serviço também de sanitaria também, né?

IB - Eu era doente pela Doença de Chagas, então, eu me considerava no direito de não deixar essa doença entrar em Brasília. E, realmente, não teve ambiente aqui.

SK - Não teve, não chegou a ter, né?

IB - Não, não. Não chegou, porque não tinha as tais casas...

SK - Casas de taipas.

IB - ...de taipas. Não, não era permitido fazer aqui, que era com barro.

SK - Pois é, isso que eu ia perguntar. As construções dos candangos, tinha alguma preocupação de ser uma construção mais...

IB - Não, não. É porque era tudo de madeira e a madeira não permitia que...

SK - Ah, tá, não era de taipa, de barro.

IB - Não podia ser era de barro; eles chamavam de pau a pique, né?

SK - É, pau a pique as cafuas.

IB - Então, as cafuas tinham lugar onde o barbeiro alojar.

SK - Isso, eles não deixavam fazer. De barro, não podia.

IB - Não, eles não deixavam, não podia fazer mesmo. Era tudo só de madeira, e a madeira não comporta mesmo, ele não tem lugar onde ficar; que ali, ele fica escondido, nas frestas; e, à noite, ele sai e vem picar o coitado do sujeito.

SK - E aí o senhor foi ficando, e foi continuando...

IB - Eu fui continuando, fui ficando, continuei operando, fazendo parto, no hospitalzinho lá. Eu fazia tudo que eu podia...

SK - Não tinha parteira, não? As parteiras não vinham, não?

IB - Tinham umas parteiras, mas elas ficavam isoladas, né, e a gente nem sabia da existência delas. Eu sabia da parteira do hospital, chamava Gracinda; e a Gracinda... na hora que a coisa apertava, o único médico que fazia parto lá era eu. Veja só.

SK - Como assim, a parteira do hospital? Ela já era...

IB - Gracinda era parteira do hospital do HJKO, quando fundou, né? Mas isso demorou mais ou menos uns seis meses.

SK - Mas não tinha obstetra lá, não?

IB - Não tinha nada; eu era o único que sabia fazer um parto. Chegava o ortopedista e chamava: “Não, eu não sei fazer isso, não. Chama o Isaac”, e eles então me chamavam.

SK - A gente viu a foto dos primeiros gêmeos, que nasceram em Brasília; a gente viu numa revista.

IB - Ah, vocês viram, né? É, né?

SK - É.

IB - É, eu me lembro desses gêmeos. Houve um que nasceu pregado no outro, xipófagos, né, ligado pelo ...

SK - Xipófagos, né?

IB - Mas esse já foi muito depois, não foi daquela época.

SK - E de 57, que o senhor chegou, até a inauguração, em 60, da capital, como é que foi assim? O senhor foi continuando a fazer?

IB - Fui continuando, atendendo no meu consultório os casos que me procuravam. E, no hospital, eu fazia a cirurgia no hospital, né, aí já estava tudo estabelecido, já tinha serviço de anestesia, já tinha melhorado muito o atendimento, quando o hospital de madeira foi inaugurado, esse que vocês visitaram.

TR - O senhor lembra dessa reunião científica que teve, em 57, das associações médicas de Minas...?

IB - Me lembro... Houve algumas...

(interrupção)

SK - Mas então, o que a gente estava falando? Ah, ela estava perguntando da reunião científica, que teve aqui.

IB - É. Nós uma vez trouxemos aqui o Dr. Mário Dene; esse Mário Dene era um especialista de cirurgia vascular periférica. Mas ele era louco por essa Brasília, sabe? E eu fiquei conhecendo porque...

SK - Ele era da onde?

IB - Ele era de São Paulo. Eu fiquei conhecendo porque todo ano eu fazia curso de especialização; embora eu trabalhando em Ceres e em Brasília, eu nunca fiquei atrasado na Medicina.

SK - Mas cursos aonde o senhor fazia?

IB - Sempre Rio e São Paulo.

TR - Desde a época de Ceres, o senhor fazia esses cursos e manteve isso e continuou...

IB - Ah, desde a época de Ceres, que eu já fazia, fazia esses... aí continuei mantendo. Então, eu fui lá fazer um curso de varizes com ele, que ele é especialista de cirurgia vascular periférica. Eu fiquei conhecendo ele. E ele disse: "Isaac, eu preciso ser diretor da Faculdade de Medicina de Brasília"; era a paixão dele; nem existia.

SK - Ele queria criar uma faculdade...

IB - É, ele queria... ele já queria ser diretor da Faculdade de Medicina. Aí, me procurou: “Isaac, você que conhece todo mundo lá, eu quero que você fique falando o meu nome nas reuniões”; eu achava muito engraçado.

SK - Ele era de que instituição, Dr. Isaac? O senhor lembra?

IB - Ele era de clínica particular, por conta dele.

SK - Ah, era médico, clínica, particular.

IB - Médico especialista. É. Mas a paixão dele era ser diretor da Faculdade de Medicina. Eu digo: “Mas adianta alguma coisa?”, “Adianta, rapaz. Você vai falando, que isso vai chegar no ouvido do Juscelino, e o Juscelino vai terminar tendo que me nomear, de tanto ele ouvir falar no meu nome”. Eu achava engraçado. “Mas como é que eu vou falar isso para o Juscelino, rapaz, o Presidente da República?” Era engraçado. “Fala, fala que ele ouve, e daqui a pouco ele acha que sou eu mesmo que tem que ser”.

SK - E o senhor falou?

IB - Falei nada. Eu morria de vergonha; eu falando um negócio desse para o Juscelino? Meu Pai do céu!

SK - Mas o senhor falou dele por conta dessa reunião científica, ele esteve aqui?

IB - De vez em quando, a gente fazia, eu, Edson Porto, a gente ia lá no Palácio visitá-lo; tinha um rapaz, antes do Átila, tinha um que era das endemias, e ele queria vacinar o Juscelino, que é para servir de...

SK - Ah, é? Contra o quê?

IB - Contra alguma coisa qualquer, né?

TR - Ah, para servir como exemplo.

IB - É, ele queria fazer uma foto, e o Juscelino: “De jeito nenhum”. Eu achei engraçado a cara do Juscelino.

SK - Que fantástica essa história.

IB - Aquela cara dele, e ele...

SK - Ele queria fazer uma... vacinar para tirar uma foto?

IB - Ele queria vacinar o Juscelino, para servir de propaganda...

SK - E ele não quis.

IB - Não. Juscelino não quis. Eu achei tão engraçado a cara que o Juscelino fez. Até hoje eu não me esqueço da cara dele.

SK - Ele ficou com medo?

IB - Nada. Simplesmente, não quis fazer, né? Mas ele fez uma cara tão engraçada. E o Edson Porto achou incrível aquilo. E eu sei que... essa passagem, eu me lembro. Vocês estão perguntando, e eu vou soltando.

SK - Mas o senhor estava falando, vocês iam lá, no Planalto, de vez em quando...

IB - Às vezes a gente ia lá visitar o próprio Presidente da República, né, porque ele gostava...

SK - Mas faziam o quê? Conversavam com ele?

IB - Ah, ele gostava de... gente pioneira era com ele. Foi pioneiro em Brasília, mas a gente tinha um conceito com esse homem. Nossa! Mas era uma coisa incrível. E nós não éramos políticos, né?

SK - Mas como assim? Vocês chegavam lá, “Agora, estamos aqui para conversar”, e sentava...

IB - Ia, pegava um violão lá, tinha um tal de...

SK - Aonde? Lá, no Catetinho?

IB - É, tinha um Dilermando lá...

SK - Dilermando Reis.

IB - O Dilermando é bom no violão, e era poeta também, né? E ele então ficava cantando: “Como pode um peixe vivo viver fora...”, e o Juscelino adorava aquilo.

SK - E aí vocês conversavam sobre o quê? Sobre Medicina ou sobre tudo?

IB - Conversava sobre Brasília. Ele queria saber como é que ia ser aquilo.

DM - E, nessa reunião científica, o senhor lembra porque é que ela aconteceu?

IB - Ela aconteceu porque a própria Associação, essa regional de Goiânia, a gente fazia as reuniões com os médicos, e a gente discutia... eu só apresentava trabalho de Doença de Chagas. Ah, eu era o especialista em Doença de Chagas. Então, eu apresentava meus trabalhos lá. Eu publicava na Revista Goiana de Medicina, e apresentava os slides para os colegas, né?

SK - Slides de quê? De casos que o senhor examinava?

IB - Dos casos de Sinal de Romaña, que eu te falei, né? E os casos que eu ia fazendo, e eu ia publicando, e eu apresentava nas reuniões, né? Cada um da sua especialidade também. E aí que, um dia, aparece lá o Ministro; ele foi lá: “Eu soube que vocês estão se reunindo aqui. Me convida”.

SK - O Ministro da Previdência.

IB - É, ele foi lá; nós ficamos todos felizes, né? O Ministro da Previdência. Você vê como não havia barreira nenhuma naquela época entre as pessoas, né?

SK - É.

IB - O Ministro, ele se convidava para... e gostava da reunião. Porque ele ficava... coitado, a família fora daqui, e ele metido lá no Ministério da Previdência. Então, ele vinha.

SK - E o da Saúde, não vinha, não?

IB - O da Saúde, não me lembro dele não.

SK - Porque o primeiro foi o Maurício Medeiros; depois, foi o Mário Pinotti, né? O senhor lembra de visitas deles aqui?

IB - Não, não, não foram esses, não. Péra aí! Deixa eu ver... não foi, não. Não, nenhum deles; o Pinotti era muito grande; ele não...

SK - Por quê? O que o senhor achava do Pinotti?

IB - Eu achava um cara tão trabalhador, né, muito... eu achava assim, meio visionário, né? Porque ele dizia que acabou com a maleita no Brasil, né?

SK - É, ele dizia isso.

IB - Ele falava isso. Mas também pudera, botando Araleim dentro do sal de cozinha, os caras não tinham o que comer o sal? E não podia ter malária de jeito nenhum. Quer dizer, isso é da cabeça dele, né?

SK - Mas isso era uma coisa que vocês achavam muito...

IB - É uma coisa real mesmo.

SK - ...respeitada ou...?...

IB - Eu acho respeitado, porque o Brasil, o mundo inteiro soube disso. Então, ele falou que tinha acabado com a malária no Brasil, e não acabou, não, porque isso... [Sobrava...]

SK - Mas ele não vinha aqui. O senhor lembra assim, dele... como o senhor está falando do Ministro da Previdência...

IB - Não, não. Esse da Previdência...

SK - O Pinotti chegava a vir aqui, o senhor lembra?

IB - Esse, eu nunca vi.

TR - Nem nas reuniões, que vocês faziam?

IB - Não, esse... esse... foi um outro... ainda vou lembrar do nome dele; não posso esquecer o nome.

SK - Não, não se preocupe. Depois, a gente complementa.

IB - No momento, não... Mas era do tempo do Juscelino, logo no começo; que o Mário Pinotti veio depois.

SK - É, o Pinotti foi 58.

IB - O Pinotti foi quando o Ademar de Barros se candidatou e ele era amigo do Ademar de Barros.

SK - Isso.

IB - Então, sempre que Juscelino queria o apoio do partido, botava o Pinotti como Ministro da Saúde; e o candidato do Ademar, sempre era esse Pinotti, a mesma coisa. Ele ficou muitos anos.

SK - É. Porque antes do Pinotti, o primeiro Ministro da Saúde do Juscelino foi o Maurício Medeiros. O senhor lembra dele?

IB - Esse, não me lembro, não; esse não é do meu tempo.

SK - O senhor votou no Juscelino, Dr. Isaac?

IB - Você sabe que eu nem me lembro.

SK - Quando ele foi candidato lá para Presidência?

IB - Não, eu era oposicionista; eu não gostava do partido do Juscelino não.

SK - O senhor votou em quem? O senhor lembra?

IB - Eu gostava era dele, a pessoa dele.

SK - Mas o senhor se lembra em quem o senhor votou, nessa campanha, que foi a campanha de 55?

IB - Eu acho que eu fiz a maior besteira da vida; eu votei foi no doido do Jânio Quadros. Mas era porque era oposição.

SK - Era.

IB - Eu não tinha candidato a escolher, então, a única... não sendo Juscelino, eu tinha... Mas péra aí! O Juscelino já era presidente.

SK - Não. Porque a campanha...

TR - O Jânio foi depois.

SK - Ah, é, o Jânio é depois.

IB - Ah, o Jânio foi depois.

SK - A gente ontem estava se lembrando da campanha, de 55, quando Juscelino entrou. Quem foi que concorreu com ele?

IB - Foi o Lott.

SK - O Lott.

IB - O General. Ele, eu não achava bom; por que o que um general vai entender de Presidência da República? Mas foi o Lott que manteve o Juscelino.

SK - Foi, foi.

IB - Se não fosse o Lott, o Juscelino não tomava posse, porque o homem era forte mesmo. Botou, mandou bombardear o navio, né, que estava...

SK - É, foi. Garantiu a...

IB - Era um golpe contra o Juscelino.

SK - Isso.

IB - Para o Juscelino não tomar posse. E seria a maior desgraça para o país aquele homem não assumir. Meu Deus do céu!

SK - E me diga uma coisa, Dr. Isaac. A gente está falando de política, eu lembrei de um assunto que a gente até ficou de perguntar, que aquele dia o senhor falou rapidamente. O senhor desde moço sempre foi muito religioso, muito ligado à igreja?

IB - É, eu sempre fui ligado... tanto que eu mostrei um livro, não sei se vocês levaram.

SK - É, o senhor mostrou um livro. Igreja Batista, não é isso?

IB - É da Igreja Batista.

SK - Ah, aquele livro o senhor estava dando para gente?

IB - Era seu, ué!

SK - Ah, eu achei que o senhor estava mostrando. Eu vou levar então. Está aqui.

IB - É porque isso aqui...

SK - Ah, muito obrigada.

IB - Embora é uma história diferente do que você está me perguntando, tem muita coisa sobre Brasília.

SK - Pois é, isso que eu ia lhe perguntar.

IB - Essa é uma igreja que foi fundada, a primeira igreja evangélica de Brasília.

SK - Batista, né? Eu estou vendo aqui.

IB - É Batista. Esse prédio muito bonito ali, na Gama; é muito bonito. Nós recebemos uma oferta, porque nos Estados Unidos quem contribui para igreja desconta Imposto de Renda. Então, muita gente gosta de... Então, esse homem ofereceu 300 mil dólares. Isso aí é um verdadeiro monumento, né?

SK - Para construir a igreja?

IB - Para construir essa igreja. E muito da história de Brasília está aí.

SK - Que interessante, né?

IB - Muita coisa da história.

SK - Então a Igreja Batista veio para cá já desde o começo.

IB - Não, nós começamos com a Congregação; não tinha pastor, então aquele grupo... era mais ou menos uma meia dúzia de batistas, que vieram logo no começo. E quando eu te falei que na Cidade Livre tinha quatro esquinas, né, e uma era do Expresso Universo, um dos rapazes, que tomava conta do Expresso Universo, era batista também. Então, nós fundamos uma congregação; chama congregação, é que não é igreja ainda, né? Então, e essa congregação ficou filiada à Anápolis.

SK - Sei.

IB - Porque o pastor batista, mais próximo de Brasília, morava em Anápolis. Então, nós convidamos ele para vir ajudar a gente, né, porque cada um estava cuidando dos seus interesses particulares, então [não] tinha tempo de dirigir uma igreja. Então, a gente ficava... e ele aceitou o convite; ele é um trabalhador, ele vinha junto com a gente, né, e amassava barro, naquelas... e morava num barraco de madeira, igual a gente fez, né? Eu mesmo não deixei a família ficar aqui, porque a Lolita estava grávida do menino caçula, né, o mais novo da gente; e ela ficou em Anápolis. Que é a cidade mais próxima daqui, e onde tinha todos os recursos, né, que a gente aqui não tinha recurso para nada.

SK - Claro.

IB - E ela ficou lá até que nós construímos o hospital; e dentro do hospital, a gente construiu... morava praticamente num dos quartos do hospital, ocupava uma parte do hospital.

SK - O senhor acha que essa dimensão religiosa teve alguma influência na sua vocação assim, de vir, desbravar o...

IB - Eu acho que teve; muito me ajudava. Ah, teve muita influência, porque só o fato da gente vir fazer uma congregação dessa aqui, num lugar onde não tinha nada, né? E os candangos gostavam, né, porque eles longe da família, então eles vinham assistir, e eles gostavam muito do trabalho. A Lolita tocava acordeom; a gente ia assim, nos acampamentos fazer trabalho evangélico lá, e ela tocava uma sanfona; como é que se fala?

SK - Acordeom.

IB - Acordeom. E eles gostavam, e freqüentavam; de vez em quando passava um... e ela era tesoureira da construção, né? Passava um e dizia: “O que é que vocês estão construindo aqui?”, “Ah, é uma igreja”. Ele diz: “Como é que a gente pode ajudar vocês?”, “Pode”, ela era tesoureira; então, ela recebia as ofertas de gente que nem era da mesma religião, mas achava engraçado, achava... “Puxa vida! Que coisa boa que vocês estão fazendo aqui”; e vinham assistir os trabalhos lá. E a gente ia nos... também a convite deles, a gente ia nos acampamentos fazer trabalhos lá com eles.

SK - Esse espírito de irmandade, né, que o senhor está falando, de confraternização, isso tudo...

IB - Havia muito em Brasília.

SK - ...o senhor acha que isso mudou com a inauguração?

IB - Ah, mudou.

SK - Como é que foi a inauguração para vocês?

IB - A inauguração foi uma maravilha, uma coisa linda, uma coisa bela. O Juscelino, ele marcou aquela data, 21 de abril, mas no dia exato, o homem entregou essa cidade; ainda estava construindo, né, mas pelo menos os principais... as avenidas, ele mandou abrir as avenidas, mandou... já tinha feito o Palácio da Alvorada, fez a Praça dos Três Poderes. Quer dizer, quando inaugurou, tudo isso já estava pronto. Os Três Poderes já estavam; a Câmara, o Senado, o Supremo Tribunal Federal já estava tudo construído. Quer dizer, tinha condições de mudar uma capital; precisava dos Três Poderes: Câmara, Senado e Justiça, e isso ele cumpriu mesmo. No dia 21 de abril, que ele marcou, ele inaugurou tudo isso.

SK - O senhor foi lá, à festa?

IB - Ah, fui, fui. Eu me lembro do meu filho, o Fernando: “Ih, mãe. Eu estou com a cabeça gorda”.

SK - Cabeça gorda? Como assim?

IB - Ele queria dizer de tanto foguete, né? “Estou com a cabeça gorda”.

SK - Cabeça gorda. Mas o senhor acha que... como é que foi? Porque eu me lembro que quando eu falei com o senhor no telefone, até para combinar a entrevista, o senhor falou assim: “Olha, eu fui um pioneiro, mas fui um pioneiro não do asfalto, fui um pioneiro antes, da poeira”.

IB - A gente chamava de “piotário”, né? Diz que o piotário é o que veio com a poeira, né?

SK - Isso.

IB - E o pioneiro é o que já chegou com o asfalto.

SK - E esses pioneiros, que chegaram depois da inauguração?

IB - Ah, viraram pioneiros, no fim também são pioneiros, chegaram também, né?

SK - Mas a cidade..., mas o espírito mudou ou não?

IB - O espírito mudou muito, mudou porque aos poucos foi acabando aquele...

SK - É natural.

IB - ...aquele entrosamento que havia de todo mundo chegando, né? Cada um foi cuidar dos seus interesses e começou a mudar. Até a estrutura da cidade mudou por causa da hidrografia. Eles construíram um lago, e todas as noites eram frias; depois nós começamos a sentir calor de tanto arranha-céu, o cimento subindo, né? Aí a cidade mudou, até o clima mudou, passou a ser quente; era tudo frio aqui. Depois a gente sentiu a mudança completa no... nessa maneira climática, mudou a face de Brasília.

SK - Mas o senhor continuou lá no seu trabalho.

IB - Ah, eu continuei no meu trabalho, fazendo o meu trabalho lá, no hospital lá no Núcleo Bandeirante, e trabalhando no HJKO. Até que ficaram prontos os hospitais. Primeiro, veio o Hospital de Base, depois veio o Hospital L2, e até hoje está lá, né? Hospital L2 se especializou mais em obstetrícia e pediatria.

SK - L2?

IB - L2 Sul; até hoje está lá. Chamava Hospital L2 Sul.

SK - E eu estava vendo no plano lá, de... eu não sei mais onde eu li isso, acho que foi numa revista, Brasília Hoje.

IB - O Bandeira de Melo, chama Bandeira de Melo, o plano de hospitais.

SK - Porque previa-se também a criação de hospitais rurais.

IB - Era, exatamente.

SK - O que é que é isso? Isso chegou a ser implantado?

IB - Chegou a se implantar alguns. Por exemplo, o Hospital de Base era o principal, que para ali é que iam todos os casos mais graves. E os hospitais regionais, que foram... esse hospital L2, depois veio o Hospital de Itaguatinga, depois veio o Hospital do Gama, quer dizer, cada cidade satélite tinha um hospital. E aqui ficava o Hospital de Base. Então, escoavam os casos mais graves, mais especializados. E depois vieram os centros de saúde, e foram 40 centros de saúde que foram construídos assim.

SK - Que não eram esses hospitais rurais, era outra coisa?

IB - Não eram hospitais, eram só centros de saúde. Quer dizer, o sujeito em vez de ir para o hospital, ia para o centro de saúde, quer dizer, mais próximo da residência dele. Tem uns 40 mais ou menos espalhados. Aqui mesmo perto tem um posto de saúde, aqui, na Avenida L2. E então, esses pequenos... que nós chamamos de ambulatórios, atendiam os casos rápidos, e dali selecionava aqueles que precisavam de um internamento, e já encaminhava para o hospital mais perto. Aí, veio o Hospital L2, que passou a ser regional, veio o Hospital da Asa Norte, e os hospitais dos satélites.

SK - Da...?

IB - Das cidades satélites. Tem o Gama, que você já viu lá. Tem o Gama, tem a Cidade Livre, tem Itaguatinga, Sobradinho. À medida que iam construindo as cidades, eles iam fundando um hospital, que passou a chamar regionais, quer dizer, só da região.

SK - E o senhor continuou publicando na Revista Goiana?

IB - Ah, eu continuei. A amizade com o Jofre era duradoura mesmo. Enquanto, a cidade existiu e eu fiquei na Medicina, eu sempre continuei trabalhando com ele. Que de vez em quando a gente se encontrava, ou em Goiânia, quando tinha algum congresso, eu ia lá... Uma vez, eu encontrei com ele no Rio de Janeiro.

SK - Eu ia perguntar isso ao senhor. O senhor foi ao congresso de 59, de Doença de Chagas, que teve no Rio de Janeiro?

IB - Fui. Não podia perder. Até hoje eu tenho os anais daquele congresso. Ah, esse foi...

SK - Como é que foi para o senhor participar daquele congresso, Dr. Isaac? Ora, porque esse congresso...

IB - Se inscrevia, né?

SK - ...foi o congresso dos 50 anos da descoberta da doença.

IB - Foi, da Doença de Chagas.

SK - Foi o primeiro congresso internacional sobre Doença de Chagas.

IB - Pois é.

SK - Feito em Manguinhos.

IB - Foi.

SK - O senhor participou disso?

IB - Ah, fui, eu fui lá.

SK - Como é que foi? O senhor apresentou que trabalho? O senhor lembra?

IB - Eu nem me lembro, mas foi um desses aí.

SK - De casos daqui.

IB - Foi um desses de doença aguda, a fase aguda da Doença de Chagas. Foi um desses aí. Eu sei que foi publicado também na revista, na Revista Goiana de Medicina. Eu não podia perder. Foi lá que eu fiquei conhecendo muita gente assim, ligada... os filhos dos filhos do Chagas e dos irmãos, que além do Carlos Chagas, tinha o Evandro Chagas e outros, e eu fiquei conhecendo os filhos deles lá. Ribeirão Preto também, eu fui.

SK - O pessoal de Ribeirão, o senhor conhecia, né, o senhor falou.

IB - Fiquei conhecendo; o diretório acadêmico lá era dirigido por um neto do Carlos Chagas.

SK - Era o afilhado do Carlos Chagas, que é o João Carlos Pinto Dias.

IB - Não, tem o outro, não era esse. Eu sei que ele era neto do Carlos Chagas. Ele era filho de um dos irmãos do Carlos Chagas. O Evandro, ou tinha também um outro...

SK - Carlos Chagas Filho.

IB - É, tinha o Carlos Chagas Filho, tinha o Evandro, tinha...

SK - Mas eles tinham filhos moças só. Deve ter sido... O Carlos Chagas tinha um sobrinho. Tinha...

IB - Não, mas tem os irmãos, né? Esse filho do irmão do Carlos Chagas.

SK - Ah, certo.

IB - Ele era até presidente do diretório da faculdade de Ribeirão Preto.

SK - Certo.

IB - Ele até queria que eu fizesse uma palestra. “Olha, eu sou diretor do... eu sou presidente do diretório, e queria convidar você para nos fazer uma palestra lá na faculdade”.

SK - O senhor foi?

IB - Não, não fui não. Eu não me lembro, mas faltou oportunidade.

TR - Dr. Isaac, o senhor ouviu falar da Faculdade de Medicina de Goiás? Que era um assunto que até aparecia muito na Revista Goiana de Medicina?

IB - Sim, Faculdade de Medicina de Goiás. O Jofre era professor lá. O Jofre...

TR - O senhor chegou a participar de alguma faculdade?

IB - Não, não, eu nunca participei da faculdade, não fazia parte. Que o pessoal tudo era de Goiânia, pessoa que morava lá, né? Tinham vários médicos, amigos meus. Tinha um especialista...

Fita 4 – Lado A

SK - Nenhum caso de leishmaniose?

IB - De leishmaniose, a minha filha.

SK - Ah, é?

IB - E eu não sei onde é que foi que ela... deve ser que como tem floresta, o mosquito... deve ser da mata, ela, provavelmente, brincando lá fora, foi picada por esse mosquito.

SK - Aonde, aonde? Brincando aonde?

IB - Brincando na Cidade Livre.

SK - Tinha leishmaniose lá?

IB - É, teve caso de leishmaniose. Eu me lembro que eu levei ao dermatologista, e ele tratou dela.

SK - Tratou, né?

IB - Ficou até cicatriz, uma marca, lembra?

(interrupção)

SK - Agora, o senhor estava falando... ela perguntou da Faculdade de Medicina de Goiás; então, o senhor não tinha contato com essa discussão?

IB - Não, não. Eu tinha contato com os colegas, que eram membros, formaram lá.

SK - E com a criação da... eu estou me lembrando daquele colega seu, que o senhor falou que queria ser... da faculdade de Medicina.

IB - Ah, o Mário Dene.

SK - Quando foi criado o aniversário de Brasília aqui, se criou a Faculdade de Medicina?

IB - Foi, foi.

SK - Quem foi que esteve à frente disso, o senhor lembra?

IB - Ah, o Anísio Teixeira; o Anísio Teixeira que era... e o vice-governador do Rio de Janeiro, era da década do Brizola, o Darcy Ribeiro.

SK - Darcy Ribeiro, o projeto é dele.

IB - Foram esses dois, o Darcy Ribeiro e o... foram os pioneiros...

SK - Mas da parte de Medicina, o senhor lembra quem foi que foi dar aula? O senhor chegou a dar aula?

IB - Não. Eu cheguei a dar aula para os estudantes da universidade que faziam estágio no hospital [?]. Eu era instrutor de residente; eles eram residentes lá, e vinham fazer estágio no L2.

SK - Numa espécie de internato, é isso?

IB - Uma espécie de internato, que tinha residência.

SK - Aí o senhor orientava?

IB - Eu orientava a parte minha, que era de cirurgia, eu orientava os estudantes.

SK - O senhor fez alguns discípulos de Doença de Chagas aqui, algum médico que quis estudar?

IB - Fiz, fiz muito. Nossa Mãe! Meu Pai do céu! Quanta gente... sim, eu influenciei.

SK - É, imagino, porque o senhor era um...

IB - Eu era um doente mesmo; diziam que eu tinha psicose chagasi. *(risos)*

(interrupção)

SK - Mas os casos de Doença de Chagas, que o senhor examinava, o senhor tinha registros, fazia uma casuística assim? Como é que era, o senhor guardava isso?

IB - Como eu tinha as fichas, né, a gente organizava as fichas do hospital, eles ficavam... faziam parte separada; faziam parte do fichário geral. Não eram muitos casos, mas bastantes para você firmar um diagnóstico da existência da doença.

SK - E fazia diagnóstico como? O senhor fazia o xeno?

IB - É, eu fazia. Eu tinha as ninfas, que o Pedreira me alimentava, me mandava; eu tinha as ninfas prontinhas pra sugar os que eu desconfiava da doença, e eu fechava o diagnóstico pelo xeno.

SK - Mas o senhor chegava a fazer reação sorológica ou não?

IB - Não, eu fazia... eu mandava para ele.

SK - Mandava pra ele fazer.

IB - Eu colhia... botava as ninfas para chupar as pessoas, e mandava para ele, e ele me mandava o resultado.

SK - Mas o senhor chegava a mandar soro também, para fazer sorologia lá, ou mandava só o barbeiro?

IB - Não, mandava mais o barbeiro, que era mais fácil para mim, né, a conservação, a ninfa, ela suga o sangue e se alimenta daquilo, e não morreu logo. [?] são examinados em laboratório.

SK - E cardiologia, tinha aqui especialização?

IB - Tinha especialidade de cardiologia.

SK - Quem era da área de cardiologia aqui, o senhor lembra?

IB - Péra aí. Tinha um especialista que se chamava... Puxa! Essa memória minha está, está falhando.

SK - Depois a gente lembra, a gente pergunta ao senhor.

IB - Tinha cardiologista, nesse primeiro grupo que tomou conta do hospital, tinha cardiologista, ortopedista; tinha o Marun, que era anestesista; tinha esse, o Nabor, Jorge Nabor era clínico; tem uma irmã dele ainda aqui, uma irmã do Jorge Nabor. Como é que ela chama, Lolita?

Lolita: Vitória.

IB - A Vitória Nabor; era farmacêutica do hospital, ela que tomava conta da farmácia do hospital.

SK - Lembrei outra coisa que eu ia perguntar. A indústria farmacêutica, como é que era? Veio se interessar... eles instalavam...

IB - Eles vieram.

SK - Já desde o início?

IB - Tinha, tinha os representantes dos laboratórios.

SK - Dos laboratórios.

IB - É, que eles vinham, procuravam a gente; aqueles que distribuía amostra para gente, para gente lembrar dos produtos. Ixe! Tinha muita gente aí. E ajudava muito a gente dar aquelas amostras; tinha uns que não podiam comprar o remédio. Eles procuravam muito a gente, e atualizava a gente, ficávamos atualizados com os produtos novos que iam chegando. Brasília foi uma cidade que teve todo conforto assim, tudo que tinha nas capitais, chegava em Brasília, tanto que a gente não tinha dificuldade nenhuma de seguir as coisas modernas. Eu me lembro do primeiro caso de corticóide, fui eu que empreguei em Brasília; era cortisona. Eu me lembro de uma senhora com artrite reumatóide, e essa velhinha já estava assim, ó, e eu me lembro que eu dei cortisona, e é perigoso cortisona, né, mas quando eu vi que a mulher já estava com mãos boas...

(interrupção)

SK - Aí, o senhor estava falando. Aí o senhor deu cortisona para...

IB - Aí, eu me lembro desse corticóide, dessa velhinha que tomou; foi a primeira vez que eu receitei corticóide foi pra ela.

SK - O senhor me contou no telefone, eu queria deixar registrado, umas experiências que o senhor fez de tratamento; como é que era? Para chagasco?

IB - Ah, eu estava querendo descobrir... eu pedia a Deus, né? Pedia muito: “Me dê essa chance de arranjar o tratamento para Doença de Chagas”, e essa oração, Ele não respondeu, né? *(risos)*

SK - Mas o senhor tentava coisas? Como é que era?

IB - Eu tentava. Eu me lembro que uma vez saiu... tinha um produto – Aí, Lolita, você lembra o produto que eu receitava, e dava febre na pessoa? Piretan? Será? Não sei, não me lembro o nome. Então, eu pensava assim: “Se a galinha...” – a galinha não pega Doença de Chagas, você sabe, né?

SK - Sei.

IB - Eles não pegam; tanto que você pode criar as ninfas chupando sangue da galinha, que ela não... por causa... a temperatura da galinha é muito alta...

SK - Ela não se contamina.

IB - ...e o trypanosoma... Não, o trypanosoma morre. Então, baseado nisso, eu pensei: Quem sabe se eu injetando num organismo de um chagasco – isso vai na fase aguda –, eu elevo a temperatura dele, quem sabe se não vai fazer a mesma coisa da galinha. E eu usava, tudo da minha cabeça.

SK - Nesse produto... bom, depois a gente lembra o nome.

IB - Eu me lembro, chamava, parece que era Piretan. Então, ele subia. Então, eu pensei também assim: será que valia a pena você causar malária numa pessoa... porque malária não presta, né, mas tem a malária boa, benigna, que não deixa o relicote da malária maligna; a maligna dá defeitos terríveis. Mas a terçã benigna – que chama terçã benigna –, ela dá febre, e dá febre alta, chega até 40°; até nisso eu pensei em fazer, mas não tive coragem de fazer.

SK - É, né?

IB - Mas já que eu tinha um produto para subir a temperatura, eu dava.

SK - Mas como é que o senhor conseguia caso agudo para fazer isso? Vinha da onde?

IB - Até a Lolita diagnosticava.

SK - Mas aqui não tinha caso agudo?

IB - Não, aqui, em Brasília não, mas eu estava em Ceres.

SK - Ah, isso em Ceres. Tá, tá bom, lá, em Ceres.

IB - Aqui não tinha essa chance, foi tudo em Ceres.

SK - O senhor voltou em Ceres depois?

IB - Eu voltei lá uma vez, né, Lolita? Eu acho que fui lá uma vez.

SK - E o senhor sabe, Dr. Isaac, a gente tem um trabalho lá, de pesquisa também, sobre os relatos dos viajantes sobre o interior do país, né, já desde, século XVIII, já tinham todos aqueles viajantes que vinham, falavam do Brasil, século XIX. O senhor lia esse tipo de material assim? O senhor se interessava por isso?

IB - Eu me interessava por tudo que tinha respeito à Brasília, eu...

SK - Não, mas antes de Brasília. Assim, por exemplo, sobre o interior de Goiás.

IB - Não, antes de Brasília, eu não tinha nada disso, não. Eu vim conhecer o que é Brasília, foi aqui mesmo. Era muito pouco. Eu sabia que os inconfidentes tinham essa idéia.

SK - Da mudança.

IB - É. Eu me lembro que uma vez eu estava lendo sobre Tiradentes, e na devassa que fizeram para descobrir os culpados para condenar o Tiradentes, eles encontraram documentos, [se reservados], dessa inconfidência mineira, em que ele já pensava na mudança da capital para o Planalto Central.

SK - Para o Planalto Central.

IB - Para o Planalto Central. Eles tinham até bandeira, eu me lembro da bandeira que o Tiradentes pensou.

DM - Agora, na época da sua formação, da sua faculdade, dos seus estudos para Medicina, o senhor já ouvia falar da transferência da capital, esse era um assunto?

IB - Muito pouco, muito pouco, mas muito pouco.

DM - Porque um grupo de médicos, em Goiás, assim, na década de 1920, em torno de uma revista que se chamava Informação Goiana, eles defendiam muito a transferência da capital. O senhor não conhece, né?

IB - Eu nunca li. Não, nem conhecia, nem sabia que tinha essa revista.

DM - É porque esses médicos eles acabam aparecendo também assim, em listagens de pioneiros de Brasília, porque defendiam antes; era o Americano do Brasil e Henrique Silva. O senhor já ouviu falar? Não.

IB - Não, nunca ouvi falar. Eu sei que tinha um médico aqui de Planal... parece que era Planaltina, Hosanar Guimarães.

SK - Rosanar?

IB - Hosanar, com H; Hosanar Guimarães. Eu me lembro que ele realmente foi o primeiro médico aqui do local.

DM - Que chegou.

IB - Não, é porque já estava. Ele já estava.

DM - Ah, em Planaltina.

IB - Já existia Planaltina, já existia Luziânia, Formosa, em Goiás, mais longe. Essas cidades já existiam. Então, praticamente, esse Hosanar é que foi o primeiro médico daqui, mas não de Brasília; numa cidade que deve ser Planaltina mesmo. Ele clinicava lá. E esse Hosanar, ele conta muitas histórias da época dele aqui.

DM - Hosanar.

IB - Hosanar Guimarães. Esse foi o primeiro médico realmente. Não por ter vindo para cá, ele já estava aqui. Então, como Planaltina faz parte do Distrito Federal, hoje é uma cidade satélite de Brasília. Então, praticamente, foi ele o primeiro, porque já estava aqui há muito tempo. E ele conta muitas histórias daquele tempo, quando a cidade começou, né? Parece que houve muita desapropriação de terras, perto lá de Planaltina, tudo que era fazendo parte do Distrito Federal.

SK - Essas desapropriações devem ter provocado conflitos também, né, Dr. Isaac? Ou não?

IB - Não, porque eles indenizaram.

SK - Foram bem indenizados.

IB - Todos foram indenizados; bem, eu não sei, mas...

SK - Sim, mas foram.

IB - ...foram indenizados; eles não fizeram a coisa arbitrária não. Todo mundo que tinha terra aqui foi indenizado. Pode ter alguma discussão na justiça, mas é muito pouco, mas a maioria foi indenizada.

TR - O senhor lembra de alguém que tenha ficado encarregado disso, de convencer, de repente, as pessoas a desapropriar?

IB - Não, não me lembro. Era uma coisa já muito particular isso, não chegava ao conhecimento da gente, mas que houve muita indenização houve. Aquele Catetinho ali, tudo aquilo ali pertencia às famílias, né? Tudo que tinha aqui nesse Planalto Central, era...

SK - Mas eram grandes proprietários? Como é que eram? Eram...

IB - Eram grandes proprietários de terra. Não devem ter ganho muito, porque eles vieram na frente, antes de começar, e não deixaram para depois; eles indenizaram antes; então, os caras não sabiam, e foram vendendo pelo preço que eles avaliavam. Então, provavelmente, quando se instalou mesmo, quando chegou a notícia de que ia começar, já estava tudo pronto. Eu não me lembro de nenhuma questão assim...

SK - De conflito.

IB - ...de conflito, não.

DM - Agora, sem os médicos, o trabalho de vocês aqui, o Projeto Brasília não teria dado certo, não teria ido a bom termo.

IB - Nós lutamos muito, né? O Juscelino, nesse ponto, o Juscelino foi muito... ele dava valor aos pioneiros. Uma vez, ele disse...

DM - E os médicos, em particular? O senhor acha?

IB - Ah, esses então, ele tratava como colegas dele, né? Ele tinha uma... ele tinha uma consideração especial pelos médicos. Eu me lembro que uma vez, ele foi descer na Cidade Livre, desceu de helicóptero, e desceu exatamente ali na praça onde eu tinha o meu consultório; e alguém foi lá em casa e disse: “Olha, você foi escolhido para saudar o Presidente, fazer de conta que você não está sabendo de nada...”. (*risos*) Eu achei tão engraçado aquilo. “Então, você foi escolhido para você receber o Presidente”. Eu fiquei todo honrado com aquilo. E realmente ele desceu de helicóptero ali, e eu já sabia que eu tinha que... então, fui o primeiro que foi lá receber o Presidente e cumprimentá-lo. Você vê que valor que ele dava para o médico, né? Sabia que eu tinha vindo pra Brasília... ele sabia da história mais do que eu pensava que ele soubesse. Quer dizer, eu era conhecido dele, né, dele e da **antourage** toda dele. Quer dizer, eu era uma pessoa respeitada em Brasília; isso justificava a vinda da gente, né?

SK - Claro.

IB - Você se sentia uma pessoa que veio trabalhar, que veio ajudar, e estava cooperando com Brasília. De forma que ele não aceitava nenhuma intriga contra os pioneiros. Se alguém chegasse para o Juscelino para dizer qualquer coisa, que falasse mal de uma pessoa que veio ajudar, ele cortava na hora. Ele tinha...

SK - Muito respeito.

IB - Ele tinha respeito. E a gente sentia, sentia que aquilo era... ele era muito espontâneo, então não era um sujeito falso; ele era um homem real, era um homem sério. Eu não era do partido dele, veja só; quer dizer, não era do partido, não era político, e eu não gostava do grupo dele.

SK - Por que é que o senhor não gostava?

IB - Porque tinha muita gente oportunista, né?

SK - Cercando ele.

IB - Tinha muita gente oportunista cercando ele. Ele mesmo ficou pobre. Porque o homem que tinha a responsabilidade que ele tinha em Brasília, com aquela fartura de dinheiro, esse homem precisou dos amigos para se sustentar, quando ele foi exilado, né? Ele foi praticamente exilado do país, e dizem que esses amigos é que sustentavam ele; o Niemeyer foi um.

SK - O senhor teve contato pessoal com o Niemeyer?

IB - Tive contato com o Niemeyer. Muito raramente, mas tive contato com ele.

DM - Com Lúcio Costa também?

IB - Com o Lúcio Costa, não me lembro; com o Lúcio Costa, não me lembro, mas com o Niemeyer, eu me lembro.

SK - O seu sonho de vir para o interior então valeu a pena, né, Dr. Isaac?

IB - Eu acho que valeu a pena, que eu tinha aquilo na cabeça; eu dizia: “Não vou ficar na cidade”. Tinha convite mesmo desse professor, que ele até fez um livro aí muito bom; e um colega dele é que tinha a missão de me convidar; e o colega ficou ressentido. Sabe como é que é, né, com a disputa. Ele sentiu-se diminuído e não me procurava, até que um dia, ele disse: “Olha, já estou cheio do professor me pedir para você ir lá conversar com ele”.

SK - Lá, em Minas?

IB - É, lá, onde estava na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. E eu fui lá; cheguei lá, e ele disse: “Olha, eu queria que o senhor viesse trabalhar comigo”, “Olha, Doutor, não está nos meus planos ficar na capital. Eu tenho uma idéia, que eu devo servir ao meu país é no interior”, “Quer dizer que você não vai estudar mais? – o que eu te falei, né? – Você não vai estudar mais, não?”, “Vou, eu vou continuar estudando”, e continuei estudando; nunca parei de estudar; até hoje, eu estou aí.

SK - É, a gente viu ali. E o senhor inclusive se...

IB - Pega lá minha Anatomia, Lolita. Deixa eu mostrar pra ela aqui, que eu gosto de engrandecer...

DM - Ah, eu estou vendo aqui.

SK - Eu quero deixar registrado também...

IB - Eu não deixei o esqueleto aqui porque eu achei esquisito. (*risos*) Mas até um esqueleto eu tenho; deixei lá, deixei lá na academia.

SK - O senhor, depois se formou em Direito, né, Dr. Isaac?

IB - Foi, depois de muito tempo já; já muito tempo depois, eu comecei a pensar na minha aposentadoria, né? Aí, eu digo: “Olha, eu vou me aposentar...” ... Eu tinha a história de um médico que era especialista em... Miguel Paes de Carvalho, ele era especialista de urologia aqui em Brasília; foi quem me substituiu na presidência da Associação Médica; foi eleito presidente logo depois que eu terminei o meu mandato. Esse rapaz chegou aqui com câncer de próstata, veja só, com metástase.

(*Dona Lolita pega o livro para Dr. Isaac*)

IB - É, deixa eu mostrar o meu livro, para mostrar que eu não estou parado.

SK - Dona Clotilde está trazendo aqui... a senhora é chamada de Lolita, né? A gente já ficou aqui íntima do seu apelido. Então, Dona Clotilde, vulgo Lolita...

IB - Ela não gosta de Clotilde.

SK - Ah, então... Ó, por isso que eu perguntei; eu falei: “Eu estou achando que é melhor a gente chamar ela de Lolita também”, né, Dona Clotilde?

IB - Isso aqui é um livro de anatomia; tem uma tradução do francês. Essa é edição esgotada desse livro; era o livro que eu dava aula de anatomia.

SK - Livro de anatomia. Como é o nome do autor?

IB - [Resti et Latagé]; são dois autores. Eles então publicaram isso em francês; eu consegui uma tradução do francês para o espanhol... olha, esses desenhos eram feitos pelo desenhista de Pesti.

SK - Que interessante.

IB - O homem desenhava tão bem que parece uma fotografia.

SK - É, muito detalhado. E o senhor traduziu...

IB - Eu então comecei a traduzir.

SK - Ele está mostrando aqui um caderno, que ele traduziu aqui; manuscrito, traduziu...

IB - É, à mão, porque eu achei melhor do que em computador. Depois, se eu conseguir autorização do grupo...

SK - Nossa! Mas é um trabalho monumental.

IB - É um trabalho... só de... esse é só o primeiro volume.

DM - Aí já está pronto, esse volume está pronto.

IB - Já, estou terminando; estava faltando os ossos da cabeça, que eu comecei a fazer... E estou fazendo também uma anatomia, que eu chamo Anatomia Dinâmica, que essa não existe, essa nos livros de anatomia. Essa aqui é a minha personal trainer.

SK - Ah, tá.

IB - Ela que cuida de mim. Então, ela pousou lá para mim, ela fazendo os alongamentos, e depois eu fui anotando...

SK - Identificando.

IB - ...quais são os músculos que ela está alongando, né? Aqui é o bíceps, aqui é...

SK - Nas fotografias, o senhor anotou...

IB - Nessas fotografias, eu anotei aqui...

SK - ... os músculos.

IB - ...os músculos. É uma espécie de... olha aqui, ela cuidando da gente. É o grupo chamado Grupo Platino; foi feito por minha causa. Exatamente, eles queriam reunir os idosos, de mais de 65 anos, e chegavam lá os velhos tudo borocochô, né, e querem... a família trazia, né? E os velhos: “Não, mas eu não agüento mais fazer exercício, não sei o quê”; aí, eles me chamavam; eu era o top model. (*risos*) Então, eles me chamavam lá, e eu era mais velho que eles todos, né, porque 65, eu já tinha quase que 80. “Olha, esse homem aqui está com 80 anos. Olha os exercícios que ele está fazendo”.

SK - Que maravilha.

IB - Essa aqui é a minha personal trainer; ela que cuida de mim; acreditou em mim.

SK - Que bom, né, Dr. Isaac.

IB - E ela tem sido uma beleza na minha vida, essa moça; tem me ajudado muito.

SK - Muito bem.

IB - Então, eu chamo isso de Anatomia Dinâmica, quer dizer, não é uma anatomia seca, né? Aqui, já sou eu fazendo os exercícios, né?

SK - Ah, agora eu lembrei que a gente tem que tirar uma foto.

IB - Então, eu acho essa parte muito importante, essa da anatomia dinâmica, porque aplica os conhecimentos da Medicina.

SK - Claro.

IB - Eu escrevendo também os músculos, que estão fazendo... que eu estou fazendo, né, os exercícios.

SK - Que beleza. E o senhor tem... o senhor vai encaminhar esse material para publicação?

IB - Eu não sei ainda o que eu vou fazer, porque eu não consegui localizar... que esses direitos autorais pertencem a alguém, a alguma família [dos dois]; eu não sei quem é; eu não sei aonde é; não sei nem por onde começar. Mas o dia que eu descobrir, eu vou lá...

SK - Aqui é o livro, né?

IB - É, o dia que eu descobrir, eu vou lá. Esse é só o primeiro volume; trata de osso, articulação e músculos, né? E acrescentei essa parte, que não tem nas anatomias, que é exatamente a aplicação desses conhecimentos.

SK - Isso.

IB - Essa moça é outra parte de alongamento; ela que cuida da minha parte de alongamento, e ela mesma fez o trabalho; então, eu já estou fazendo o trabalho dela. Ainda tem agora o Pilates; Pilates é um método, que já existiu antes das academias, e eu

também estou fazendo lá por causa de uma hérnia de disco que eu tenho, e me incomoda muito, dá dores de colunas.

SK - Ah, mas com exercícios, o senhor...

IB - Eu estou fazendo exercícios com ela porque ela faz o exercício da parte interna, dos músculos internos da coluna, que facilitam muito esse tratamento da hérnia de disco; que só tem um jeito, é operar, e eu não gosto de operação de hérnia de disco, de jeito nenhum. Então, eu estou tentando fazer...

SK - Prefere...

IB - Eu prefiro... se existe, eu prefiro tratar, fazer tratamento clínico, né?

SK - Bom, Dr. Isaac... Bom, a gente, infelizmente, está chegando ao final. Eu quero saber se vocês têm alguma coisa mais pra perguntar, se o senhor quer dizer mais alguma coisa.

IB - Olha, se vocês não perguntarem, eu não digo nada, que eu... Olha, a mente... isso que vocês estão me perguntando aqui é como se fosse um... sei lá, um véu.

SK - Mas, olha, o senhor lembra de tudo.

IB - Mas eu lembro. Vocês me sacarrolhando do jeito que vocês estão, aí eu vou lembrando de coisas, mas eu...

SK - Mas é, mas a memória é assim mesmo, né, ela tem que ser estimulada.

IB - Eu mesmo começar a falar “Foi assim, assim”, ah, não dá mais.

SK - Mas olha só, só nessa conversa, a gente gravou aqui umas quase quatro horas de entrevista.

IB - Contando com tudo, né?

SK - Contando com os dois dias.

IB - Puxa vida! Eu não sei nem como é que eu consegui falar isso tudo, sabe?

SK - O senhor pensando então... eu vou voltar àquela pergunta que eu fiz ao senhor, para gente encerrar.

IB - Certo.

SK - Nessa sua trajetória toda, o senhor continua se vendo como um médico que veio trabalhar no interior, um médico do interior?

IB - Eu me considero isso. Eu acho que eu vim num lugar que era muito pior do que um médico de interior, porque o médico do interior já encontra as coisas, e aqui eu fui ajudar a fazer as coisas, né? Então, essa é uma coisa que eu queria fazer, era não ir para uma

cidade que os outros fizeram; eu queria ir para uma cidade onde eu ajudei a fazer, e aqui eu tenho certeza que eu ajudei.

DM - E tem orgulho disso.

IB - Ah, tenho orgulho danado.

SK - E é para ter mesmo, é para ter mesmo.

IB - Ah, eu tenho orgulho demais disso. Quando eu lembro disso, com uma entrevista dessa, eu não sei nem como isso me ajuda, né, assim, lembrar... um dia você esteve aqui, um dia você acreditou nisso, né? E tinha um homem que você podia confiar, né? Um dos poucos homens nesse país, que a gente... olha quantos Presidentes da República nós já tivemos, mas esse é inesquecível, né? Porque esse homem tinha uma visão; eu não sei o que é que tinha na alma desse homem, que esse homem acreditava no que ele estava fazendo, e foi... Olha, depois dele, pode estar certo que não apareceu mais ninguém com essa gana, com essa coragem. Olha que ele desbravou esse país, trouxe uma capital para o interior, quer dizer, essas estradas, né? O Brasil não tinha essa coisa de estradas. Ele fez aqui uma espécie de um espigão que vai de Belém até Brasília. E desse espigão saíram as vértebras, do jeito que está lá, no meu Atlas.

DM - Ele foi um incentivador...

IB - Foi.

DM - ... mas o trabalho de vocês é que foi admirável.

IB - Ele foi um homem admirável. Até hoje eu tenho lembrança dele, daquele sorriso de confiança dele. Ele não tinha inimigos, ele não fazia inimigos. Você falava mal dele, ele nem estava aí. Teve uma novela que passou aí, só na mudança da capital, que um artista faz o papel do Juscelino...

DM - Agora, recentemente.

IB - É recente. E o único erro que ele cometeu foi achar que o Juscelino tinha raiva dos inimigos dele; não tinha, ele não tinha. Era um homem que não conhecia a palavra ódio de ninguém; mas falavam horrores, disseram que ele era a sexta fortuna do mundo, porque gastou muito dinheiro aqui em Brasília, e ele não saiu rico daqui. E a gente é testemunha de que ele passou necessidade fora daqui, e esses amigos dele é que sustentavam ele lá.

SK - Quando ele voltou, depois do exílio, ele chegou a voltar aqui em Brasília?

IB - Voltou; ele voltou...

SK - O senhor teve com ele?

IB - Não, não. Aí já não tinha mais chance, não. Ele voltou escondido, né?

SK - É, que tem esse aspecto dramático, não deixavam ele vir aqui.

IB - Não, ele poderia ser preso.

SK - É, verdade.

IB - Ele voltou escondido aqui.

SK - Que coisa dramática isso, né?

IB - É, a cidade que ele construiu...

SK - A cidade que ele construiu, ele não pode vir.

IB - Ele era proibido de voltar aqui; se eles pegassem, ele ia preso.

SK - Que coisa.

IB - E não tinha motivo para prender, mas era só... política, sabe como é que é, né? Houve uma revolução, e eles quiseram acabar com todo mundo que fez parte daquilo que estava para trás; e ele... ele era o principal. Então, foi o mais atingido.

SK - É verdade. Enfim, é isso.

IB - Grande Juscelino.

SK - Dr. Isaac, eu queria agradecer muitíssimo seu depoimento.

IB - Não tem o que agradecer. Isso pra mim foi um prazer muito grande de cooperar com vocês, ajudar com o modo que vocês estão fazendo aí. Eu quero tomar parte disso também, quero ver o resultado disso aí. Me manda alguma coisa.

SK - Com certeza. A gente vai transcrever isso, quando a gente puder. De qualquer maneira... Bom, deixa eu só encerrar. Então, eu queria agradecer muitíssimo esse depoimento. Dizer que o senhor ganhou três admiradoras aqui.

DM - É verdade. Eu queria registrar que é uma...

SK - Que realmente é um trabalho admirável. A gente hoje conheceu a cidade...

IB - Muito obrigado. Não, foi... eu mesmo reconheço que, embora seja um pouco de vaidade, mas...

SK - Não, não é, não.

DM - Não, não é. É com justiça.

IB - ...que eu fiz uma obra que ficou imortalizada na minha vida.

SK - Com certeza.

IB - Eu e todos eles, o Edson pensa a mesma coisa. Não sei se você percebeu, né?

SK - Com certeza.

IB - Ele tem a mesma paixão, aquela mesma... faz parte dessa história.

SK - É verdade.

IB - Ele chegou aqui... praticamente, nós chegamos juntos aqui; ele chegou primeiro. Mas a gente se lembra com muita satisfação; fiz uma amizade muito grande com ele, e ele foi meu diretor lá, no hospital; ele foi um dos primeiros diretores do hospital. E sempre tive essa amizade com ele, né?

SK - É, enfim, nós então agradecemos.

IB - Tá bom.

SK - E aí... Bom, eu vou desligar aqui, e explicar para o senhor como é que a gente vai fazer.